

3 A temática do Reino de Deus na concepção de Leonardo Boff

Neste capítulo queremos apresentar algumas contribuições de Leonardo Boff sobre a temática do Reino de Deus fazendo sobressair experiências portadoras de vida a partir de sua obra, *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*.

Boff deixa bem evidenciado que sua concepção de Reino de Deus não se prende a conceitos estáticos, e sim, apresenta seu conteúdo numa dinâmica pessoal-histórica, ou seja, apresenta a história de Jesus conectada com a cristologia: “Cristologia não consiste noutra coisa que passar adiante aquilo que emergiu em Jesus. O que emergiu em Jesus foi a imediatez do próprio Deus”¹⁰¹. O sentido de sua vida e história, Jesus o adquire nesse voltar-se para Alguém com o qual possui familiaridade: Deus, a quem chama de Pai. Devemos perceber o pensamento de Boff no sentido de entender a cristologia como estrutura de continuidade, ligando o Cristo da fé à história, à vida das pessoas, não em um sentido religioso restrito, mas como projeto de humanização do mundo. Daí que a experiência e a libertação da vida humana se realiza em Jesus que

*se desteologiza a religião fazendo buscar a vontade de Deus, não só nos Livros Santos, mas principalmente na vida diária; se desmitologiza a linguagem religiosa usando as expressões das experiências comuns que todos fazem; se desritualiza a piedade, insistindo que o homem está sempre diante de Deus e não somente quando vai ao tempo para rezar; se emancipa a mensagem de Deus de sua ligação a uma comunidade religiosa dirigindo-a a cada homem de boa vontade (Mc 9,38-40; Jo 10, 16); e, por fim, se seculariza os meios da salvação, fazendo do sacramento do outro (Mt 25,31-46) o elemento determinante para entrar no Reino de Deus*¹⁰².

O ponto de partida de nosso autor, afirmado também por teólogos como G. Faus, Theissen e Merz, H. Kessler e outros é a centralidade do Reino de Deus na pregação e na vida de Jesus. A descrição lucana da inauguração da missão de Jesus é paradigma do projeto do Reino de Deus. Jesus inicia sua pregação na Galiléia. Na Sinagoga, ele recebe o livro do profeta Isaías e lê:

¹⁰¹ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 26.

¹⁰² *Ibid.*, p. 111.

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19).

Assim realizará a velha utopia, que o povo tanto esperava, e a nova ordem será implantada: o Reino de Deus. Jesus anuncia o ano da graça do Senhor no hoje da história, inaugura uma nova maneira de se relacionar com as pessoas, muda as situações e estruturas históricas, aponta para os tempos escatológicos do Reino de Deus; é o plano da salvação divina acontecendo no anúncio da missão do Enviado de Deus¹⁰³.

Diante das múltiplas promessas de Reino que, algumas, na verdade, buscavam oprimir as pessoas, Jesus se apresenta como o libertador do Reino de Deus e da pessoa humana. Entendia que a mudança radical com a chegada do Reino significava que o povo tinha de ser irmão, e não um povo dominador. Convocava a todos para mudar de vida. Assim ele iniciou a mudança, colocou-se ao lado dos pobres e excluídos, mas os que mantinham o poder não acolheram. Os pobres e marginalizados pela sociedade compreenderam e acolheram sua mensagem¹⁰⁴.

Há uma revolução na vida da pessoa que encontra Jesus. Nele, a liberdade não está apoiada em leis ou em escolhas pessoais, nem parciais. Para Gutiérrez, ao libertar Deus se manifesta como o Deus libertador, Deus vivo, Deus da vida. O referencial e o sentido de vida do ser humano é o autor e criador da vida, Deus¹⁰⁵. Jesus, tão íntimo a Deus, que atinge a profundidade humana. E neste momento experiencial a fé exclama: “Humano assim como Jesus só pode ser Deus mesmo. E começaram então a chamá-lo de Deus”¹⁰⁶. A experiência cristã crê em Jesus, que sendo verdadeiro Deus, é verdadeiramente pessoa humana. Ele não só é um ser da raça humana, mas é ser humano na sua originalidade e radicalidade. Por isto, ele pode dizer ser a vida. Essencial para o conceito bíblico de vida é a sua relação com Deus. Dele provém toda a vida.

¹⁰³ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos: para uma teologia do Espírito*. São Paulo, Paulinas, 2003, p. 41

¹⁰⁴ Cf. MESTERS, Carlos. *Um projeto de Deus. A presença de Deus no meio do povo oprimido*. São Paulo, Paulinas, 1982, p. 37.

¹⁰⁵ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, pp. 25-44.

¹⁰⁶ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo, Libertador*, p. 193.

Ele é o senhor da vida, na liberdade. Ele a dá gratuitamente e concede a opção de escolher se quer viver. A libertação é desígnio de profunda vida. Ele é a resposta à vida que o ser humano anseia, porque a vida é sua orientação final. Sob esta ótica, tentaremos construir as paredes que moldam a construção de nosso estudo, segundo nossa compreensão, da concepção de Reino de Deus em Leonardo Boff.

3.1.

Jesus experimenta o Deus do Reino em sua história

A Boa Notícia de Jesus é concebida na experiência humana, na vida social, nas realidades políticas, no contexto cultural. Lendo os evangelhos encontramos o homem Jesus, verdadeiramente humano e radicalmente fiel a Deus, que pouco a pouco, a partir de sua palavra-ação, foi fazendo e descobrindo a vontade do Pai, e faz de sua vida uma entrega radical ao Pai¹⁰⁷.

A raiz da práxis de Jesus está em sua experiência singular do Pai, Abba. Sua entrega ao mundo é fruto de um ato anterior, ele se entregou ao Pai, que o acolhe fielmente. Do Reino de Deus chega-se ao Deus do Reino. Esta experiência, assinala Mesters, não se apoiava em uma doutrina do catecismo, nem em uma moral, porque a Boa Notícia do Reino é a face do Pai revelada às pessoas¹⁰⁸. Toda a atenção e escuta de Jesus era voltada para o Pai; conforme lemos em João, Ele e o Pai são um, (cf. Jo 10,30 e 17,22). Daí brota a questão do fundamento da sua experiência do Deus do Reino¹⁰⁹. No dizer de Terezinha Rech,

¹⁰⁷ Partimos do pressuposto que Jesus foi em tudo igual a nós, exceto no pecado, apesar de se fazer pecado (cf. 2Cor 5,21). Nem o Pai o programou de antemão, nem Ele tinha esquemas já pré-fabricados para agir e pregar. O que ele pretendeu realizar em sua vida foi o que ele descobriu dia-a-dia, na medida em que aprofundou sua experiência histórica como homem diante de Deus.

¹⁰⁸ Cf. MESTERS, Carlos. *Eclesialidade e Missão. Reflexões a partir da Bíblia*. Rio de Janeiro, CRB, 1992, p.14.

¹⁰⁹ Boff consagra toda uma obra para tratar da experiência de Deus ao mesmo tempo aborda a dificuldade de definição. Assim, a pesquisa foi restringida ao entrelaçamento: Deus como experiência dentro de nossa história pessoal e coletiva. E para ele, “experiência é o modo como interiorizamos a realidade e a forma que encontramos para nos situar no mundo junto com os outros”. BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas*. Campinas, Verus, 2002, p. 43. Ao buscar a etimologia da palavra experiência encontramos: “seja o grego *empeiria*, quanto o latim *experientia* falamos de ‘tentar’, ‘comprovar’, ‘assegurar-se’, o que significa percorrer o objeto em todos os sentidos.” VAZ, H. C. L. A linguagem da experiência de Deus. In *Escritos de Filosofia I, Problemas de fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986, p. 244. Em latim, provém do verbo *experior*, que significa sair de,

O Pai e o Reino são dois aspectos daquilo que o Novo Testamento expressa em um só termo: *Basiléia tou Theou*, pólo referencial de toda a existência de Jesus. Sua experiência original de fé está igualmente relacionada: confiança filial no Pai e confiança na atuação do Pai no Reino¹¹⁰.

A experiência de Deus, própria de Jesus, chamava a atenção da ideia de Deus que havia até então¹¹¹. Relação original e novidade absoluta à ideia de Deus¹¹². O Pai para Jesus é tão íntimo que essa relação exterioriza em sua maneira de falar e fazer, de modo que seus discípulos querem conhecê-Lo: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta”. (Jo 14,6-8), e aprender a rezar com ele: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. (Lc 11, 1-2)¹¹³.

tervivência pelo andar em direção a, ao redor de, isto é, conhecer, ver o mundo e a vida em diversos ângulos, estar orientado para fora. Cf. MIETH, D. *Que é experiência? Tentativa de definição* In *Concilium*, n. 133, 1978, pp. 45-46. Por não ter uma definição exata, devido as palavras não alcançarem seu verdadeiro significado, o termo experiência pode dar margem a depreciações e relativismo. Moltmann ao trabalhar ‘experiência da vida-experiência de Deus’ pretende provar a falsidade desta compreensão: “partir da experiência, embora nos deixa a impressão de ser algo subjetivo, arbitrário e casual, não é no entanto nada disso [...] A experiência, a vida e a comunhão do Espírito de Deus surgem no tornar-se-presente de Cristo e na antecipação da nova criação de todas as coisas. Elas são a ressonância de Cristo e o prelúdio do Reino de Deus”. Assim, para ele, experiência tem a marca: Cristo e futuro; ela acontece hoje da vida humana, por Cristo, tendo ainda um futuro, em Cristo, que a experiência amanhã não só acontecerá como também será melhor que a de hoje. Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida. Uma pneumatologia integral*. Vozes, Petrópolis, 1999, p. 29-41. Indicamos a obra clássica de Jean Mouroux, em que o autor distingue três tipos de experiência: a empírica, a experimental e a existencial. Uma obra que pela sua densidade mereceria mais que uma explicitação, mas que não dispomos para o momento. Cf. MOURoux, Jean. *L'expérience chrétienne: introduction à une théologie*. Paris, Aubier, 1954.

¹¹⁰ RECH, Helena T. *As duas faces de uma única paixão: uma reflexão teológica sobre a experiência cristã de Deus e suas conseqüências para a vida consagrada da América Latina e Caribenha*. São Paulo, Paulinas, 1998, p. 97.

¹¹¹ Nosso autor assinala que a experiência de Deus feita por Jesus de Nazaré não é com outro Deus, mas o mesmo Deus da fé de Abraão, do Antigo Testamento. À luz da encarnação de Deus como revelação na história, podemos compreender os escritos do Antigo Testamento na história do povo que buscava encontrar onde Deus morava. Assim, a vida e a história se tornam transparentes. Cf. BOFF, Leonardo. *Experientar Deus*, p. 35-36.

¹¹² Alguns estudiosos demarcam um diferencial da experiência de Deus feita pelos profetas e a de Jesus. Para estes, o amor de Deus manifestado por Jesus extrapola toda concepção que existia até então de Deus-amor. O profeta Oséias, por exemplo, utiliza da linguagem do casamento expressando a relação amorosa de Deus pelo seu povo. No entanto, afirmava o amor de Deus, mas também afirmava ser um Deus ciumento. Daí que “o indivíduo religioso vivia, assim, em perpétua intransigência e na angústia de ser reprovado.” Para Jesus, ao contrário, o ponto de partida é Deus, não as intenções e práticas do ser humano. Deus ama porque ele mesmo é bom; ama como o ser humano é, em sua condição humana, e ama a todos, homens e mulheres. Cf. MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, pp. 77-83.

¹¹³ Indicamos a obra: *O Pai nosso: a oração da libertação integral*, do autor Leonardo Boff. Rio de Janeiro, Vozes, 1979. O autor explicita que rezar o Pai-nosso, no Espírito de Jesus, os filhos de Deus e irmãos de Cristo vislumbramos a glória do Reino inaugurado por Jesus: a vontade do Pai é cumprida, os irmãos se reconciliam, reina a paz na terra e o pão que dá a vida se reparte na alegria.

Sua experiência com o Pai mostra um homem contemplativo na oração e na ação: a vida é o conteúdo de sua oração e sua oração é a vida. Daí que não há separação entre profano e sagrado. Deus está presente em todos os lugares, e em todos os lugares e pessoas, ele pode ser encontrado, em todas as realidades da vida, seja de vida ou de morte, pois todas são para ele provocações para remeter a pessoa à Deus¹¹⁴. Esta é a grande novidade da experiência de Jesus que a muitos escandalizaram: assim como pelo espaço do sagrado é possível chegar à união com Deus, também se chega não tendo mais espaços exclusivamente sagrados, porque tudo foi tocado pela encarnação do Verbo de Deus. Qualquer espaço: rua, casa, fábrica, campo; qualquer serviço e trabalho quando desinteressado, poderá ser meio de encontrar Deus. O caminho para aproximar-nos mais de Deus e vislumbrar o seu rosto passa, a partir de Jesus, necessariamente, pelos caminhos da humanidade e mais particularmente, pelo injustiçado e excluído. Ninguém está só, pois Deus, em Jesus, ali se faz presença.

Jesus experimenta Deus inserido na história cotidiana de seu povo: numa sociedade dominada por legalismo, com graves problemas sociais e sujeita a dominação estrangeira. Não se deixando condicionar pela mentalidade de poder que moldava o ambiente, “sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha”. (Jo 6, 15). Sua compreensão de poder consiste em colocar-se como aquele que serve, serviço que se traduz em descer até o outro e lavar os pés (Jo 13, 5). O Deus do Reino impulsiona seu agir, de modo que para estabelecer a vontade do Pai, relativiza a lei e os costumes: cura em dia de sábado (cf. Mc 1,29-31). Enfrenta as autoridades religiosas e políticas e alerta o povo sobre seus interesses em buscar fama de santidade, que na verdade querem dominar e oprimir; são hipócritas (cf. Mt 23,25). Como o próprio Deus que toma partido daqueles que ninguém se preocupa, Ele vê, ouve, conhece, desce até a pessoa e a toca, realizando, assim, a libertação para o marginalizado, a criança, a mulher, o doente, o leproso (cf. Ex 3,7; Lc 5,12-32). Põe-se ao lado dos marginalizados da sociedade, oferece aos oprimidos um caminho de libertação, “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8,11), tira o espírito que atrapalha as boas

¹¹⁴ Cf. BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 122.

relações (cf. Mc 5,1-20). Sua solidariedade com os excluídos chega ao ponto de tomar como sua a causa deles, “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40); em nome deles apela à solidariedade humana para que acabe com a injustiça. Nos gestos de Jesus concretiza a Boa Notícia e a esperança para aqueles e aquelas que tiveram sua dignidade roubada e foram excluídos do convívio social. Nele, os mais infelizes podem se alegrar e esperar, porque para eles também desponta o sol que não conhece mais ocaso; irrompe o tempo da libertação.

Desta maneira, experimentar o Deus de Jesus põe o ser humano no caminho da plenitude de vida, caminho que não exclui ninguém, nem há limite à doação de seu amor. Experiência de libertação para os que estão sendo dominados e de recusa para aqueles que querem manter seu poder dominador a ponto de condenar sua prática do amor,

Não podemos olvidar que o móvel último da condenação de Jesus não residiu tanto na discordância com os fariseus quanto à interpretação da Lei, mas pelo fato de Jesus ter apresentado um Deus de amor e de perdão, um Pai com características de mãe, portanto, devido a uma experiência diferente de Deus¹¹⁵.

As estruturas vigentes não são impedimentos para a chegada do Reino, enquanto que a fuga do mundo e a falsa paz podem retardar sua chegada, por se apoiar em projeto para uns poucos, ou mesmo, em projetos de morte. Os caminhos de Deus não estão fundamentos nos caminhos humanos, mesmo que não está separado deste. Jesus vive a realidade de sua época e experimenta profundos conflitos até dentro de seu grupo de amigos e, em grau extremo, na experiência de morte na cruz. Mesmo no extremo abandono, o Pai para Jesus continua sendo Pai-e-Mãe, bondade infinita. Esta experiência perfaz nos momentos de alegria e de dificuldade, não se trata de uma bondade pontual, acontecida em momentos estratégicos, mas permanente. Assim, Jesus em sua palavra-ação, concretiza que a bondade do Pai supera a visão de um Deus que é bom só para alguns e está presente mesmo na miséria e na cruz, pois, “sua bondade não se deixa vencer por nada; ele pôde transformar a cruz num caminho e num sinal de libertação”¹¹⁶, por um único motivo: Ele é Pai-e-Mãe

¹¹⁵ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 108.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 127.

que “faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair à chuva sobre justos e injustos” (Mt 5, 45).

Torna, então, evidente que pela realidade de seu povo em situação de opressão e exclusão, Jesus encontra Deus como total libertação. Reino de Deus é o nome que expressa a experiência de Jesus. E atestamos a veracidade destas palavras no agir de Jesus; sua solidariedade amorosa e irrestrita só é compreensível a partir de sua experiência, e a experiência do Deus bondade o impulsiona a concretizar o Reino.

Boff nos mostra que a experiência do Reino de Deus coloca o ser humano numa dinâmica de vida e de sentido orientado por Deus, pois Ele é “o sentido do mundo, reconciliado e transfigurado, eis o que a expressão Reino de Deus quer significar”¹¹⁷. A experiência é, então, a porta para conhecer Deus, ainda que ela não apreende a totalidade do Mistério que é Deus e permanece Deus, pois “Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas” (1Jo 3,20)¹¹⁸.

A vida de Jesus apresenta uma experiência de Deus primigênia e originante de todas as experiências humanas para com Deus. Iremos agora aprofundar na experiência original, humanizante e humanizadora, de Jesus de Nazaré.

3.1.1. A orientação original de Jesus

Para conhecer a pessoa de Jesus e sua mensagem faz-se necessário situar seu ambiente, suas relações, suas opções, sua vida. Retomar a história de Jesus de Nazaré nunca será demais ao considerarmos que os evangelhos remetem primeiramente a um personagem histórico, ao homem Jesus. E, por conseguinte, é nesta história que encontramos Deus.

¹¹⁷ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus* p. 113.

¹¹⁸ No que refere ao termo, experiência, é positivo ouvir as questões sobre sua validade. No entanto, ainda que haja questões, é maior o reconhecimento dos frutos advindos de um estudo sério. Descrevemos aqui um questionamento: “a *experiência*, não é o único caminho para o desenvolvimento de uma Teologia Fundamental. De qualquer forma, estudos claros e acurados podem fazer com que ela constitua uma abordagem frutuosa desta disciplina.” Nosso estudo considera a experiência como mediação, caminho necessário, mas não o esgota o conhecimento de Deus-Trino. Pelos estudos teológicos aprendemos que Deus é aquele que se revela e vela em cada momento, Ele é sempre o Mistério e o nosso eterno futuro. LATOURELLE, René / FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes / Aparecida: Santuário, 1994, p. 318.

É consenso nos escritos que falam sobre Jesus de Nazaré apresentar um homem que come, bebe e se veste como os demais, relaciona com as pessoas, sente compaixão, chora a morte do amigo, reza ao Pai e morre¹¹⁹. A primeira vista esse homem não tem nada de especial nem original. Pois nem mesmo utiliza uma roupagem ou linguagem extraordinária para falar de Deus a seus ouvintes. Contudo, verificamos um mistério em sua pessoa que a ninguém fica despercebido. Homem de extraordinário bom senso que sabe discernir entre o essencial e o secundário, suas palavras e ações vão ao mais profundo e concreto da vida humana, de modo a convocar as pessoas a se encontrarem consigo mesmas e a se reconciliarem com toda a criação, ordenando sua vida para Deus. Jesus provoca em seus ouvintes uma tomada de posição, conversão a Deus através de sua pregação e seus gestos, ou renúncia de Deus, através da escolha em instalar-se na situação excludente vigente. Com ele, não se pode ficar em cima do muro, nem adiar a conversão, “A partir desse momento, começou Jesus a pregar e a dizer: ‘Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus’” (Mt 4,17).

Jesus, homem livre, que não se deixa condicionar pela tentação do messianismo político. Confronta com a realidade e a ordem existente e a relativiza, pois, para ele, o ser humano é mais rico que seu envolvente cultural. Ousa dizer coisa nova e andar por caminhos novos, mas cheios de vida e sentido humano¹²⁰. Surpreende mesmo aqueles que lhe são mais próximos, seus discípulos, ao conversar com uma mulher e Samaritana. Ali, Jesus revela sua verdadeira identidade e ensina a verdade sobre si mesma, sobre Deus e sobre o Reino; entregou-lhe uma nova vida. (cf. Jo 4,5-14). A mulher solta o

¹¹⁹ Sabemos pelos evangelistas que outros dois haviam também sido crucificados (Lc 23,32-33). Jesus nasceu, cresceu e viveu em terra judaica. A tradição evangélica considera Nazaré sua cidade natal. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 186. Conhecemos o nome de seus pais: José e Maria. Foi batizado por João, conhecido como o batista, cumprindo assim “toda a justiça” (cf. Mt 3,15). Da parte de Deus, segue a declaração pública de que Jesus de Nazaré é seu Filho: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. (cf. Mc 3,17). Passou sua juventude de forma simples e comum como seus contemporâneos. “Pessoa jamais o viu numa escola rabínica e não é discípulo de nenhum mestre de Israel. Contudo, logo se percebe uma maturidade, uma assimilação clara e profunda das Sagradas Escrituras, destacada mesmo em meio aos doutrinadores; ele fala com decisão”. AUZOU, Georges. *La Tradition Biblique. Histoire des écrits sacrés du Peuple de Dieu*. Paris. Editions de L’orante. 1957, p.11. É também nítido que ele se faz pertencer em meio aos excluídos, os pobres, esperando o cumprimento do desígnio de Deus para seu povo, procurando fazer a vontade de Deus e desejando a remissão de Israel.

¹²⁰ Cf. AUZOU, Georges. *La Tradition Biblique*, p. 103.

balde, pois ouve a Palavra libertadora que a faz descobrir a verdadeira fonte e revela a pretensão de universalidade do Reino por Jesus.

As mulheres estão presentes ao longo de toda a vida de Jesus. Pode-se até dizer que elas modelaram a sua existência humana, desde o seu início, com o anúncio feito a Maria (cf. Lc 1,26-38), com as condições excepcionais do seu nascimento, terminando com a ternura de mulheres chorando sua morte e velando seu túmulo. Além disso, ele permite que elas o sigam, sendo também suas discípulas. Com as mulheres, na poesia do jesuíta espanhol, Jesus ia descobrindo as feições do Reino,

O mistério do reino que tu ias descobrindo, não cabia na linguagem que escutaste desde cedo. A mulher era inferior ao homem religiosamente. Não estudava a lei, nem participava do ensinamento da sinagoga. E no culto sabático se limitava a escutar. Não tinha obrigação de peregrinar a Jerusalém na grande festa da Páscoa. Mas tu a contemplaste como criadora do reino, e criaste uma nova linguagem para falar de Deus [...] No encontro contigo a mulher foi se libertando de seu próprio passado e da opressão masculina pela fortaleza do reino que emergia em sua vida. Desde sua vida inaugurada foi libertando os homens, os letrados e os justos, das leis da morte encarnadas em sua tradição. E ao contemplá-las, foste encontrando tu mesmo o rosto feminino do Pai maternal que recriava a história¹²¹.

Os acontecimentos são assim, pretextos e momentos de verdadeiras provocações que Jesus utiliza para anunciar a Boa Nova do Reino. Percebemos, pela análise de nosso autor, que a originalidade de Jesus consiste em chegar à profundidade humana sem distinção de pessoas e tendo como ponto de partida a realidade humana, cotidiana, histórica. O modo de Jesus agir, provoca a desinstalação, a saída de si mesmo e das ideias preconcebidas, para um novo que está ainda por nascer, ele “vivendo o originário do homem assim como Deus o quis, quando o fez à sua imagem e semelhança, julgando e

¹²¹ GONZÁLES BUELTA, Benjamín. *O rosto feminino do reino: rezando com Jesus e as mulheres*. Juiz de Fora, Subiaco, 2007, pp. 21-27. Em Jesus há uma palavra de acolhida no processo de libertação da mulher. Ele viveu uma especial Aliança com Deus e sintonia com as mulheres de seu tempo de modo a permitir mulheres em sua comunidade, inaugurando um estilo de vida onde elas eram bem-vindas e tinham seu lugar. Fruto desta Aliança encontramos Maria de Nazaré, mulher por excelência, mulher da perseverança que reúne a comunidade. Com as mulheres, a comunidade aprende a esperar na fé e recebem a Boa Notícia. (cf. At 1,14).

falando sempre a partir dele, revelou uma vida de extraordinária autenticidade e originalidade”¹²².

A orientação que ele dá a sua vida explica sua originalidade. No ordinário e simples da vida, revela o Extraordinário de Deus. Com ele, a festa, a doença, o sofrimento, a refeição, a morte, o caminhar pelas ruas, Deus ali se faz presente.

O modo de ser de Jesus que, surpreendentemente, é original e revolucionário, não está fundamentado numa doutrina ou numa ordem diferente da de Deus, o que vale repetir, mas na sua experiência de Deus como Pai, de modo a tornar sua vida, radicalmente, filial e fraterna com todos os homens e mulheres, co-cidadãos e estrangeiros: é um não poder entender a sua experiência humana fora de uma relação constitutiva com Deus como Pai que descentra sua própria vida¹²³. A compreensão da originalidade de Jesus, segundo Boff, está em Deus como horizonte de sua vida,

Quem está perto da origem e do originário e por sua vida, palavras e obras leva os outros à origem e ao originário deles mesmos, esse pode ser chamado com propriedade de original. Neste sentido, Cristo foi um original. Não porque descobre coisas novas. Mas porque diz as coisas com absoluta imediatez e soberania. Tudo o que diz e faz é diáfano, cristalino e evidente¹²⁴.

Jesus remete sua vida a uma permanente escuta de Deus e das pessoas. Seu ponto de partida é o próprio Deus. Sua vida é, profundamente, humana, pois tem como orientação Deus. Assim, a originalidade de Jesus, captada por Boff mostra a amável espiritualidade de Jesus, “é o mistério da unidade do divino e do humano em Jesus. Ele é Deus e homem. Mas, Ele é uma pessoa, divina-humana”¹²⁵. Jesus revela a plenitude da vida humana, naquele que é seu original. Desde a origem, Deus não está fora do ser humano e nem o ser humano está fora de Deus.

¹²² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 132. Para nosso autor, história não é recitar fatos passados, mas história é a dimensão na qual a pessoa ou toda uma coletividade vive, luta e constrói um caminho. “Na radicalidade da história, no assumir completamente a história humana, ali mesmo, Deus emerge como vida da vida e força na caminhada.” Id., *Experimentar Deus*, p. 36.

¹²³ Cf. PALÁCIO, Carlos. *A originalidade singular do Cristianismo*. In: *Perspectiva Teológica*, 26 (1994), p. 311.

¹²⁴ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 109.

¹²⁵ ROMER, Karl Josef. *Apreciações*, p.490.

Em Jesus, Deus ama e abraça a história humana de homens e mulheres, sem criar outra história, no entanto, deseja que a consumação da vida em Deus chegue logo, “Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso! Devo receber um batismo, e como me angustia até que esteja consumado!” (Lc 12, 49-50). Ele se faz sacramento na história do outro, que tem fome de cuidados humanos e de bens materiais (cf. Mt 25, 31-46) e critério para entrar no Reino. Vivendo como humano, realiza plenamente a vocação do ser humano, e revela que “humano assim como Jesus, só pode ser Deus mesmo”¹²⁶. O humano e o divino estão para sempre unidos em Jesus Cristo.

Por fim, a grandeza e a beleza da originalidade de Jesus, nos permite também afirmar que a transcendência que é Deus ultrapassa todos os limites e horizontes humanos, de modo que não só vamos a Ele ou só Ele vem a nós, mas dele jamais saímos, pois “sempre estamos Nele; embora Ele está para além de tudo”¹²⁷. Seu modo de vida revela que a vida humana e sua história tem valor supremo; o momento cronos é o tempo da Graça, da libertação (cf. Lc 4,18-21). Isto significa libertação e experiência de nova vida, agora reconciliada com toda a criação. Experiência e libertação aparecem então como duas realidades que se coadunam e reportam a nossa compreensão do Reino, que aponta para a vida. Realidades na vida do ser humano que encontra em Jesus nome e endereço concretos.

3.1.2.

Jesus revela na vida do ser humano o nome e a morada de Deus

Os ouvintes de Jesus escutam, constantemente, sua invocação ao Pai. Perturbam-se, pois falava do Deus de seus antepassados, mas com palavras simples e alguém bem próximo. Quem era esse Deus conhecido e tão próximo que Jesus anunciava? Talvez até um Deus desconhecido. Para isto faz-se necessário retornar um pouco à história, a fim de descobrirmos quem é esse Deus tão familiar para Jesus.

Para expressar sua fé, o povo judeu relata a intervenção de Deus em sua história. Concretamente, a história da libertação do jugo do faraó ilumina toda sua história a partir deste acontecimento libertador. A respeito deste relato,

¹²⁶ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 193.

¹²⁷ Id., p. 23.

Gutiérrez afirma que a experiência e a perspectiva libertadora constituem elemento central na Escritura. Nesta história de libertação se inscreve o ato fundacional de Israel¹²⁸.

Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel. (Ex 3,7-8a)

O povo experimenta que Deus se revela como o libertador, porque é o libertador da vida. Ele é o amigo da vida. “Deus não é libertador porque liberta; ele liberta porque é libertador”¹²⁹. Mais que um trocadilho, Gutiérrez expressa o modo de Deus agir. Um agir, profundamente, humano-divino, que revela sua identidade, e seu agir encontra nela origem. A libertação é o núcleo e a orientação de toda experiência religiosa de um povo. A plena libertação se concentra no Deus da vida; libertar é dar a vida.

Israel reconhece Deus como origem da vida humana (cf. Gn 2, 7) e faz surgir a vida onde parece impossível: Sara, mulher de Abraão, era tida como estéril e dá à luz em idade muito avançada (cf. Gn 18, 11); na história do sacrifício de Isaac, quando Javé submete Abraão a uma grande prova, uma vez mais sua opção pela vida é confirmada (cf. Gn 22, 12). De Deus provém toda a vida. Ele é o senhor da vida. Ele a dá gratuitamente e concede a opção de escolher, “Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a benção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência”. (Dt 30, 19). Optar pela vida significa optar por Deus.

O programa de Jesus, pormenorizado por Lucas (cf. Lc 4, 18-21), é a libertação do ser humano semelhante ao Êxodo (cf. Ex 3, 7-10). Jesus se insere na realidade de seu povo: Ele vê e conhece a realidade, desce até onde a pessoa se encontra: junto ao poço, em cima de uma árvore, misturado à multidão, no sepulcro. Lugares onde a vida está ameaçada e ferida, a vida que é Jesus, se faz companheira e libertação. Pedro na força da Ressurreição afirma que Jesus é o Príncipe da vida (cf. At 3,15).

No Evangelho de João encontramos Jesus afirmando ser a vida. Ele é a luz da vida: “De novo, Jesus lhes falava: Eu sou a luz do mundo. Quem me

¹²⁸ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 25.

¹²⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 26.

segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. (Jo 8, 12). Ele é a porta da vida: “O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10, 10). Vida que é eterna: “Eu lhes dou a vida eterna e elas jamais perecerão, e ninguém as arrebatará de minha mão” (Jo 10, 28)¹³⁰.

No Antigo Testamento e no Novo Testamento, desde a escravidão do Egito, momento em que os filhos de Israel tomam consciência de ser povo de Deus, e toda a vida de Jesus, a libertação integral do ser humano está presente no desígnio de Deus. A terra prometida, “não é apenas um lugar no qual os seres humanos encontram o alimento cotidiano; ela é também o espaço da sua liberdade e dignidade pessoal”¹³¹. Nesta perspectiva, então, Deus revela para o ser humano ser amante da vida, Aquele que dá a orientação e o sentido para a vida humana. A encarnação de Jesus revela, acima de tudo, a paixão de Deus pelo ser humano. Deus escolheu e criou, por amor, o ser humano desde toda a eternidade, para que fosse santo e perfeito, diante de si, por meio de Jesus Cristo (cf. Ef. 1,3-14). Jesus relewa a beleza da história humana; a vida é boa e merece ser bem vivida. A história de Jesus e do ser humano estão, intimamente, unidas, de modo que, não só Deus tem significado para a história do ser humano, como esta significa também alguma coisa para a própria vida de Deus¹³².

O compromisso de Jesus com a vida reflete, precisamente, quem é Deus para o ser humano: aquele que o quer livre de toda opressão e des-humanidade e comece, hoje, a viver a verdadeira vida, na certeza que a libertação definitiva se aproxima. A libertação é para Jesus a configuração de seu ser. Daí que para Boff, entre tantos nomes para descrever a pessoa de Jesus e seu significado para a história, Jesus Libertador é a expressão mais adequada e necessária à

¹³⁰ Para Boff, o evangelista João é considerado o “príncipe da liberdade cristã” porque traduz a expressão Reino de Deus. João utiliza das palavras luz, porta, vida eterna, caminho, verdade, pão, água, mantendo o mesmo significado. A mudança se deve ao contexto da época em que a expressão se esvaziara de sentido e João sem perder o essencial utiliza palavras sinônimas. Esta mudança de nome ganha consistência também para o homem e a mulher de hoje em que a palavra Reino sugere uma relação de poder e de hierarquia, onde há superior e súdito. Assim, se Reino de Deus tem essa conotação para alguns, melhor seria utilizar vida como o faz João, pois o Reino de Deus não só traz à vida, ou fala de vida ou aponta para a vida, ele é vida, em todos os sentidos. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.50.

¹³¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 42. Esta é a nossa compreensão ao falarmos de experiência da vida a partir do Reino de Deus: que as pessoas tenham suas necessidades básicas atendidas e sua condição de filhos de Deus respeitada.

¹³² Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*, p. 673.

pessoa e a todo o cosmos¹³³. Ele é o “Libertador da consciência oprimida pelo pecado e por toda sorte de alienações e Libertador da triste condição humana nas suas relações para com o mundo, para com o outro e para com Deus”¹³⁴. A história humana está perpassada pela libertação de Cristo. Torna evidente que a libertação não pode ser interpretada numa linha espiritualista, num mundo abstrato, pois este é o componente do projeto de morte, e retira a força profética advinda da libertação. Ela é dom trazido por Cristo para um ser humano que vive num mundo concreto. A história humana deve ser lida, cremos, na perspectiva da libertação de Cristo, Nele, “a habitação de Deus na história atinge a plenitude na Encarnação”¹³⁵. Jesus nos transmite a vida do Pai, que é a finalidade tanto da criação como da ação salvífica. A entrada de Deus na história, a partir do prólogo de João revela que, “Deus veio à sua própria terra”¹³⁶. Jesus Cristo não é um corpo estranho na história, suas alegrias, dores, encontros, discussões, atitudes são datadas e localizadas. Jesus vive no meio de um povo oprimido pelo grande império da época. Com ele o Reino se aproxima e se torna o anúncio central de sua pregação.

Em Jesus, Deus tem rosto e endereço: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14). Deus ama tanto o ser humano e sua história que se faz humano, e isto é mais que solidariedade, é acreditar na vida, afinal o ser humano tem em Deus seu ponto de partida e de chegada. Este Deus que se faz humano, vive uma peculiaridade humana como nenhum outro. Gonzáles Faus diz, a máxima expressão de Deus como solidariedade não é só o ter vindo a nós, o ter-se feito um de nós. É, mais, é ter assumido e se identificado com a lei de nossa história, pela qual o profeta é morto e o justo é rejeitado¹³⁷. Vimos que a encarnação de Jesus revela quem é Deus para a

¹³³ O sentido de cosmos para Leonardo Boff é trabalhado em sua obra: *O Evangelho do Cristo cósmico*. Não é nosso objetivo explicar esta obra, no entanto o pensamento de nosso autor compreende que Cristo é o libertador deste mundo, de todo o planeta terra, e também do cosmos e onde, num futuro, for descoberto vida, Deus em Jesus está ali libertando, promovendo a vida. A questão crucial para Boff é de que modo o divino deve ser transparente em todas as realidades humanas e cósmicas, com o objetivo de que Deus seja visível no mundo. *O Evangelho do Cristo cósmico. A realidade de um mito. O mito de uma realidade*. Vozes, Petrópolis, 1971.

¹³⁴ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 260.

¹³⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 112.

¹³⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 100-125.

¹³⁷ Cf. GONZÁLES FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus*, p. 153.

pessoa humana, concomitantemente, ele há de revelar o chamado ao ser humano.

3.1.3. Jesus, o plenamente humano

Durante sua vida pública, Jesus causou um forte impacto sobre seus contemporâneos. Os evangelhos nos relatam a admiração como reação dos que dele se aproximavam, “Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade” (cf. Mc 1,27). Impacto causado, certamente, por aquilo que ele falava e fazia, de modo que desconfortava as pessoas. Isto porque Jesus “não é como um profeta do Antigo Testamento que precisa de um chamamento divino e de uma legitimação por parte de Deus”¹³⁸. Ele está perto da origem, por isto, ele mesmo leva as pessoas ao originário, Deus.

É verdade que muitos o consideravam um grande profeta e as expectativas messiânicas concentravam-se nele¹³⁹. Esta reação é provocada pela experiência com Jesus, “vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?” (Jo 4, 30) e após anunciar seu programa de vida, ouve que estavam “admirados com as palavras cheias de encanto que saíam da sua boca” (Lc 4, 22). Jesus supera os títulos e compreensões messiânicas de sua época. Sua mensagem transcende a mentalidade nacionalista da época, seja das autoridades, seja dos marginalizados da sociedade, pois seu plano de salvação é divino, logo se estende ao mundo inteiro, pois a todos é dada a possibilidade do Reino¹⁴⁰.

A autoridade de Jesus, ensinada a seus discípulos, também diferenciava dos demais, esta era baseada no serviço aos outros. Há uma inseparabilidade entre seu falar e fazer, uma unidade intrínseca que forma um único agir. Jesus

¹³⁸ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, pp. 94-95.

¹³⁹ Nos sinóticos João Batista é tido como o "Elias", o maior dos profetas (Mt 11,8ss). Jesus, pelo testemunho joanino e pelo início de Atos, é concebido como "o profeta", o mensageiro escatológico, ainda que tal título seja empregado de modo restrito e relacionado à proclamação do Reino de Deus. Os sinais operados certamente permitiram associações, por parte do povo, com os milagres da antiga era profética, característica de seu ministério reconhecida por ele. Jesus fora um grande profeta. Mas foi sua pregação o aspecto distintivo de sua posição como profeta escatológico, cuja missão consistia em preparar o povo para a vinda do Reino de Deus; e isto não à maneira dos profetas do Antigo Testamento, mas como precursor imediato da chegada deste Reino. Cf. THEISSEN, Gerd / MERZ, Annette. *O Jesus histórico*, p. 220.

¹⁴⁰ Cf. ROBERT, A.; FEUILLET, A. *Introdução à Bíblia. Tomo IV. Novo Testamento*. São Paulo, Herder, 1968, p. 390.

aproxima, desce e lava os pés dos discípulos, depois enxuga com a própria toalha que estava cingido. A atitude de surpresa de Pedro (cf. Jo 13,6), que também é de muitos outros, mostra a novidade na atitude do mestre Jesus: ele se faz um com todos, sem distinção de pessoas se coloca a trabalhar, e ainda, trabalha como um servo.

Inusitada é também sua relação com as mulheres. Os Evangelhos deixam claro o quanto era incomum e mal visto que um mestre chamasse mulheres para o seu círculo de discípulos. Os homens não aceitam e Jesus é criticado “se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!” (Lc 7, 39). Jesus não recua diante das críticas, no seu modo de agir, concede à mulher a mesma consideração que ao homem: dialoga, amplamente, com a samaritana, hospeda-se em casa de Marta e Maria, conversa com elas, põem-se à sua defesa diante do duro juízo dos homens, e chama atenção dos ouvintes: ela demonstra muito amor (cf. Lc 7, 47). Nele, elas encontram acolhida e libertação porque ele

rompeu com o androcentrismo da Antiguidade, suspendeu as discriminações que pesavam sobre a existência das mulheres e acolheu mulheres entre seus seguidores, um fato que já desconcertou autores do cristianismo incipiente¹⁴¹.

Com as pessoas que encontra pelo caminho, Jesus não fecha o diálogo, nem critica os que não são seus discípulos, mas busca conquistá-los para dentro do Reino. Sua pedagogia é sempre otimista e de valorizar a pessoa, “vendo que ele respondera com inteligência, disse-lhe: ‘Tu não estás longe do Reino de Deus’” (Mc 12,34). Segundo Jesus, o ser humano é o mais importante para Deus. Ao assumir sua causa, relativa tudo o mais: lei, religião, costumes, família, valores. Assim sublinha Jon Sobrino:

A pessoa é mais importante do que todas as coisas e nada do que foi criado pode ser usado contra ela, nem sequer o que convencionalmente se apresenta como serviço a Deus. Daí as afirmações cortantes sobre o fato da pessoa ser mais decisiva do que o sacrifício, inequivocamente superior ao sábado. Deus

¹⁴¹ KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*, v. I, p. 239. O aspecto das mulheres agora assinalado é sua relação social, particularmente com os homens. A atitude de Jesus é de valorizar a mulher como pessoa, em sua individualidade e dignidade. Ele, o humano integrado em todas as dimensões, também não reduz o valor do homem. Uma sociedade, como a atual, em que predomina o machismo, que reduz à mulher ao ambiente doméstico, que no campo profissional diferencia o salário entre homem e mulher, seria, não somente, contraditória, como também anti-cristã.

aparece como quem não tem direitos sobre a pessoa, mas os direitos seus são os que a favorecem¹⁴².

Podemos constatar, até aqui, que o homem de Nazaré, Jesus, não se enquadra em nenhum esquema dado de antemão. A questão agora deverá ser em que a humanidade de Jesus é diferente, em que sua humanidade torna modelar e, autenticamente, humana para todo ser humano, sem deixar de ser humano.

Afirmar que Jesus é igual a nós, menos no pecado, e diferente de nós, ocasiona mesma resposta: em Jesus, o Deus que vem a nós, que vive e assume nossa história, enaltece, substancialmente, o ser humano, pois valoriza a história humana e, particularmente, a história dos que estão, socialmente, à margem.

A encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Quer dizer muito mais. Ele participou realmente de nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos, como era a idéia do Reino de Deus. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um novo sentido de total libertação e absoluta esperança¹⁴³.

Na perspectiva que busca captar o fundamental da humanidade de Jesus, olhar para Jesus de Nazaré é encontrar um humano contextualizado por inteiro e aprender que “o ser-diferente de Jesus Cristo em relação aos demais seres humanos não deve ser, simplesmente, visto em sua divindade, mas se encontra dentro de sua própria humanidade”¹⁴⁴. Em seus gestos e palavras, no humano Jesus, homem e mulher se defrontam com uma realidade diferente, realidade última, que se manifesta só nele, encontrando sentido de vida. Jesus chegava, rapidamente, ao coração das coisas, falava, simplesmente, a partir de experiências diárias, ao passo que revela a identidade da pessoa e no que consistia a vida. Para nosso autor, encontrar a humanidade de Jesus é experimentar quem é Deus e quem é o ser humano. Afinal, é

con-vivendo, vendo, imitando e decifrando Jesus que viemos a conhecer a Deus e ao homem. O Deus que em e por Jesus se re-vela é humano. E o homem que

¹⁴² SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. I. A história de Jesus de Nazaré (Série II). O Deus que liberta seu povo. São Paulo, Vozes, 1994, pp. 211-218.

¹⁴³ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.7

¹⁴⁴ KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*, v. I, p. 355.

em e por Jesus emerge é divino. Nisso reside o específico da experiência cristã de Deus e do homem¹⁴⁵.

O Deus de Jesus se revela tão humano, que Schillebeeckx o denomina como “Deus humanissimus”¹⁴⁶. Podemos inferir que a plenitude humana de Jesus é revelada em todo o conjunto de sua vida que culmina com sua integração à direita do Pai, participante da sua glória (Lc 23,47).

Jesus Cristo foi o primeiro homem da história que realmente de forma integradora conseguiu uma relação plenamente filial para com Deus, fraterna para com todos os homens e de senhorio frente ao mundo que o cercava, cósmico e social. Ele desnovelou o nó emaranhado de relações que é cada homem e o recolocou na sua situação matinal de filho, irmão e senhor. Por isto ele é por excelência e exclusividade o *Ecce homo* e o Filho do Homem e de Deus¹⁴⁷.

O Reino anunciado por Jesus não é teoria, e sim, experiência de vida, e esta não pode ser confundida com uma ação na prática, isto se chama experimento. A experiência que passa pelo ser humano é divina e libertadora. Deus assume, livremente, viver a vida humana e quer que o ser humano viva sua vida liberto. O Reino de Deus é profunda experiência de libertação para a vida humana.

3.2. Reino de Deus é Reino da liberdade humana

O substrato da idéia da liberdade humana vem da própria mensagem do Reino de Deus, em sua compreensão escatológica-apocalíptica, que ao olhar o mundo, constata a opressão e escravidão, contradizendo, desta forma, a vontade de Deus, conforme lemos nas Sagradas Escrituras: “Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3,8a). Desta constatação, Deus decidi intervir, encarnar e inaugurar, definitivamente, o seu Reino¹⁴⁸. Reino de

¹⁴⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.195.

¹⁴⁶ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*, p. 674.

¹⁴⁷ BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo*. Petrópolis, vozes, 1982, p. 43.

¹⁴⁸ Em nosso estudo seguiremos a intuição que liberdade é elemento integrador do ser humano, constitui sua mais alta inspiração. Em sentido contrário à libertação está a opressão, isto é, aquele que tem dificuldade de respirar. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Opressão*. Cf. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1975. No Antigo Testamento e no Novo Testamento, liberdade é movimento de vida. “O tema básico da Bíblia, a aliança progressiva entre Deus e o ser humano, só pode ser concebido no plano da liberdade e do compromisso pessoal”. IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São

Deus, conforme nosso autor, traduz a expectativa de um mundo renovado, melhor, e se apresenta como a realização da utopia de libertação global, estrutural e escatológica¹⁴⁹. A encarnação do Filho de Deus vem habitar na história e assume, totalmente, a história humana.

A mensagem de Jesus não podia ignorar a problemática humana da sociedade judaica. Sua pregação está situada numa sociedade cheia de tensões e grupos separatistas, no entanto, constatamos, que ele não pertence a nenhum grupo. Ele os conhece, envolve-se com seus questionamentos, mas não se deixa dominar por nenhum deles. Jesus fez de uma não-opção, uma radical opção a Deus e a pessoa. Optou, conscientemente, em não pertencer a nenhum grupo ou partido. O motivo desta não-opção está em que os partidos religiosos e políticos mantinham o poder sobre a vida dos judeus, possuíam sua própria autoridade em matérias civis, religiosas e criminais, e objetivavam a liberdade somente para os seus adeptos¹⁵⁰. Jesus nunca se deixou determinar pelo mundo circunstante, mas vive, firmemente, a partir da vontade de Deus que é a libertação do ser humano. Desta maneira radical de viver seu sim à vontade de Deus, e nada estar fora dela, podemos dizer que Jesus foi um homem de fé.¹⁵¹ Fundamentado nesta fé e para assegurar a liberdade de vida para todos, mais particularmente, daqueles que não tinham voz, nem vez, na sociedade, Jesus,

Paulo, Paulinas, 1983, p. 255. Experiência que tem suas origens no Êxodo. Iahweh disse: “Eis que faço uma aliança. Farei diante de todo o teu povo maravilhas como não se fizeram em toda a terra, nem em nação alguma” (Êx 34,10). Cai por terra a relação unívoca: Deus – pessoa, surge a relação dialogal enriquecida com os dons, carismas, cultura de cada homem e de cada mulher. Nosso objetivo será em apresentar a ação de Jesus provocadora da liberdade para toda a pessoa. Dom gratuito que implica doação da vida, serviço gratuito. A verdadeira liberdade nunca é egoísta, mas sempre aberta e relacional, ou seja, reporta a Deus, aos outros, as coisas e a si mesmo. “Esta idéia de liberdade não surgiu da concepção grega ou gnóstica, mas do que está implícito no Reino de Deus, presente e atuante na pessoa, mensagem e ações de Jesus Cristo, na sua entrega total ao Pai ao longo de sua vida, evidenciando em sua paixão, morte e ressurreição”. MIRANDA, Mario de França. *A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo, Loyola, 2004, pp. 127-128. Na compreensão atual, caminhos diferentes conduzem o ser humano que luta para ser sujeito e protagonista de sua vida em meios aos relacionamentos e acontecimentos, o que expressa que no seu mais íntimo ele é intrinsecamente chamado a liberdade. “Estando, sempre, em cada concretização de seu impulso de comunhão, na presença, ainda que atemática, do Absoluto, o ser humano é, essencialmente, livre, portador de uma liberdade fundamental, que, para ser plena precisa efetivar-se em todas as dimensões de sua vida histórica”. ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo. *Ampliação do sentido de libertação*, p. 282.

¹⁴⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 513.

¹⁵⁰ Cf. KESSLER, Hans. *Cristologia*, In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*, v. I, pp. 238-240.

¹⁵¹ Na compreensão de Boff, fé consiste num ‘sim’ radical a Deus descoberto na vida. Dizer que Jesus foi um homem de fé significa dizer que o sentido radical e absoluto de sua vida estava em Deus, o mesmo Deus dos patriarcas. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 126-127.

em contrapartida optou pela vida do empobrecido e do excluído. Opção solidariamente amorosa a ponto de ser considerado, “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19).

Toda opção implica em uma não opção. Jesus toma a firme decisão de não optar, diante de partidos que tiram a liberdade, oprimem a vida, porque para ele, nenhum grupo, sistema ou estrutura está acima da vida. Assim, de uma não-opção, a princípio, ele faz a radical opção de defender, solidarizar, curar, erguer a pessoa; libertar a vida humana de todas suas opressões. Ele é a vida em abundância.

Na sociedade do tempo de Jesus a lei regia o tipo de relação, inclusive com Deus. “Embora não poucos profetas houvessem insistido no amor de Javé por Israel, o povo, doutrinado por seus dirigentes religiosos, conservava a imagem do Deus distante, ciumento e cioso de sua soberania e objeto de temor”¹⁵². Jesus revela o Deus de infinita bondade que se aproxima como graça e manda amar os inimigos e ajudar o outro na gratuidade (cf. Lc 6,35). Deus é a total libertação das estruturas opressoras do passado e plenitude de vida ainda não experimentada.

Porque a vida humana está em primeiro lugar, e não a lei, “Jesus se comporta sobranceiro frente às leis”¹⁵³. Ele é categórico mesmo com os costumes e a religião de seu povo. A pessoa é mais importante que o sábado e a classe a que pertence. Desmascara o legalismo farisaico, desconstrói o Deus legalista e revela um Deus que, por ser gratuito e querer a liberdade integral de seu povo, se relaciona com o ser humano a partir do amor. A vida da pessoa está em primeiro lugar, e disto Jesus não abre mão.

Para Boff, esse comportamento categórico de Jesus em nada transparece que o Deus de Jesus seja laxista ou da desordem, ao contrário, ele é ordem na desordem. O verdadeiro sentido da lei é o amor, mas este sentido foi deturpado pelas autoridades ao ressaltarem mais a lei. É a partir do amor de Deus que se entende a Lei. O Deus de Jesus não é o juiz vigilante da lei, mas o Pai de bondade irrestrita. O autor do quarto Evangelho sintetiza a experiência que

¹⁵² MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, pp. 78-81. Na verdade, não se pode negar que eles concebiam a Deus como amor e bondade, mas isso valia unicamente para os bons, isto é, para os observantes da lei. Nesse sentido, a compreensão de Deus era ambígua: bom para os santos e vingativo com os pecadores, pois estes últimos não cumpriam as obrigações da lei imposta.

¹⁵³ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.80.

Jesus fez de Deus: “Deus é amor” (1Jo 4,8). E, por ser amor, o acesso a Ele não se dá por cumprimentos de leis, cultos, sacrifícios, gestos purificadores, mas pelo amor aos semelhantes. Jesus come com os pecadores, deixa que os impuros se aproximem dele, conversa com uma pecadora conhecida na cidade. Com essa atitude, Jesus quer mostrar o amor que Deus tem a todos esses mal-afamados. Ele está amando como o Pai ama, pois ele faz a experiência de amor e bondade do Pai. Só assim se pode captar o agir de Jesus e experimentar que o amor é irrestrito a tudo e a todos¹⁵⁴.

Jesus liberta o povo da imagem opressiva e sufocante de Deus, a qual sustentava a opressão do próprio povo. A estrutura do Reino rompe com toda forma de exclusão humana: “se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus não entrareis na nova ordem trazida por Deus (cf. Mt 5, 20)”¹⁵⁵. Para Jesus, Deus ama, não porque o homem e a mulher sejam bons, ao contrário, porque Deus é bom, Ele ama. O Pai, a quem Jesus se dirige é Pai de todos, assim todos são irmãos, todos estão incluídos no Seu amor. Deus, para Jesus, não só é bom para com as pessoas, mas também sua bondade tem de ser descrita como amor. Em Jesus “a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram” (Tt 3,4). A experiência da bondade de Deus faz com que Jesus utilize de critérios divinos, transparecendo que Deus é seu Absoluto, Senhor e juiz. Não é autoritário, nem é uma divindade boazinha que deixa seus filhos seguirem independente o seu próprio caminho. Ele corrige, porque muito ama (cf. Hb 12, 6).

Jesus revela que a misericórdia de Deus está muito além do pecado e do pedido de perdão do ser humano, ainda que a inclua. A atitude gratuita do amor irrestrito de Jesus a todos, revela a vontade do Pai como momento escatológico e irrevogável de perdão sem condições prévias para todo pecador, simplesmente, porque Deus é misericórdia infinita¹⁵⁶. As orações, jejuns e ações caritativas não são argumentos para conquistar o céu, nem condicionam o agir de Deus. A orientação fundamental de Jesus por Deus ilumina seu olhar, esta é a verdadeira luz no caminho de todas as pessoas que se propõe a seguir

¹⁵⁴ Cf. Id., *Experimentar Deus*, p. 115-118.

¹⁵⁵ Id. *Jesus Cristo libertador*, p. 85.

¹⁵⁶ Cf. SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 264.

Cristo ¹⁵⁷. Para Boff, a declaração de Jesus que os pobres são os bem-aventurados, não se trata de exaltar a pobreza, mas porque ela é fruto das relações injustas, provoca a intervenção do Messias, cuja função se baseia em fazer justiça ao pobre e defender o fraco em seu direito ¹⁵⁸. Longe de amar a pobreza pela pobreza, ou ainda, incluir os excluídos e excluir os incluídos da sociedade, esta intervenção de Jesus é fruto de uma profunda e apaixonada experiência de ser o Filho amado do Pai; o amor verdadeiro supõe comunicação e entrega sem limites.

Queremos sintetizar em três aspectos o Reino enquanto liberdade humana. Um primeiro aspecto se trata do dom gratuito de Deus para o ser humano. Ora, por ser dom, o ser humano não tem nenhum direito sobre ela, nem Deus impõe sua vontade ¹⁵⁹. Na palavra-ação de Jesus encontramos a misericórdia divina. Gestos da extrema bondade de Deus.

Um segundo aspecto da libertação se apóia no convite de Jesus em aderir a sua pessoa. A gratuidade do amor de Deus permanece, contudo, agora, com a novidade absoluta: a chegada da libertação está agora referida a Jesus. O Reino de Deus, que chegou com a sua pessoa é a vida nova de filhos de Deus. Ele anuncia, não só por palavras, mas em sua própria pessoa o Reino chegou. Ele é o caminho para se chegar ao Reino da vida e sua rejeição é a morte.

Jesus se percebe como o promotor do Reino, no horizonte último e definitivo de sua existência pessoal, Deus. Por isso, não há lugar em sua missão para indecisões, posições dúbias, ambigüidades, restrições a Deus e à sua vontade, o Reino exige uma radical abertura a Deus e aos irmãos: uma total conversão. Aderir ao Reino, implica não se prender a nada, nem mesmo a família (cf. 9, 57-62), é ir além do cumprimento da lei e dar, ao que não tem, toda a riqueza possuída (cf. Lc 18, 18-22). Esta direção é o caminho de libertação para o ser humano. Libertação que, para nosso teólogo, parte da

¹⁵⁷ Jesus nos adverte que a vontade do Pai está em primeiro lugar, e isto ele viveu concretamente, e assinala que “nem todo aquele que me diz, ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está no céu”. (Mt 7,21).

¹⁵⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 516.

¹⁵⁹ O projeto da Aliança de Deus é projeto de humanização integral da pessoa humana. Ninguém está fora de sua mensagem de libertação, ela está dirigida a todos e todas. Em consonância com este projeto está a acolhida da parte do ser humano. Deus oferece, de modo que a pessoa pode acolher ou rejeitar. O caráter gratuito do Reino não faz das pessoas simples objetos passivos, mas agentes ativos para a concretização do Reino, “O Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Por causa dele vende tudo o que tem, e na alegria compra o campo”. (cf. Mt 13,44).

compreensão do agir de Jesus que sempre chama à conversão, à mudança de relações, à uma atitude diante dos excluídos pela sociedade, daí a imagem de um Jesus libertador, diferente da imagem de um cristo monarca, celestial, que firma sua relação com súditos e desvaloriza a história terrena. Em última instância, libertação revela a vinculação da salvação em Jesus com as libertações históricas.

Podemos concluir que optar por Cristo é ter a direção ordenada pelos critérios de Cristo, pois não se pode servir a dois senhores. Opção indispensável e inegociável para participar da nova ordem a ser introduzida por Deus¹⁶⁰. A exigência da conversão acompanha o dom do Reino, ao mesmo tempo, gera uma nova atitude para com Deus e a outra pessoa. Para esta vida nova Cristo faz duas exigências fundamentais: a conversão da pessoa e reestruturação do mundo. Este caráter de conversão requer-se um novo nascimento e abertura para o novo que já está nascendo, sem o qual não se pode ver o Reino de Deus. Duas exigências, compreendidas como uma só conversão, pois objetivam a libertação integral da pessoa humana¹⁶¹.

3.2.1.

Libertação como exigência da conversão pessoal

A conversão implica ruptura e mudança, novo olhar, volver o olhar para Jesus Cristo, sair de si mesmo. Desemboca na libertação e não há libertação sem conversão, sem mudança de comportamento. Alcança seu objetivo ao perceber as causas da opressão e a firme busca de libertar-se delas, descobrindo a fé em Deus libertador. Exigência que acompanha o dom do Reino e gera uma nova atitude para com Deus e o irmão¹⁶².

No Novo Testamento encontramos diferentes nomes para falar desta mesma realidade. João releva o permanecer em Deus, “Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele”. (1Jo 4,16). Paulo sublinha o conteúdo de nossa justificação, “Também nós cremos em Jesus Cristo, a fim de sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras

¹⁶⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 77.

¹⁶¹ Os três tópicos que trataremos a seguir não são trabalhados separadamente por nosso teólogo. Dividimos aqui por questão didática, mas principalmente para ressaltar que a conversão abrange a pessoa por inteira.

¹⁶² Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 137.

da lei”. (Gl 2,16). Numa linguagem direta os sinóticos afirmam, “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Trata-se de pensar e agir orientado, interiormente, para Jesus, o Cristo. Na linha bíblica, conversão significa mudança de comportamento, a não cometer o mesmo erro, “vá e não peques mais” (cf. Jo 8, 11), um enfoque diferente da vida e seguimento de Jesus, “Vocês ouviram o que foi dito: ‘ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’ Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês!” (Mt 5,43-44).

Jesus inicia sua missão proclamando a necessidade de mudança de vida, para acolher o Reino de Deus já próximo. “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15) e inaugurado em sua pessoa. “Eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 21). A partir da experiência gratuita do amor de Deus o ser humano busca estar na sua presença, de modo que a experiência de fé descrita na Sagrada Escritura está situada em situações concretas e históricas. Seus gestos e ensinamentos apontam que Deus está no amor ao próximo (cf. Mt 22,39) e convida a tomar o partido dos marginalizados e daqueles que estão com a vida ameaçada, ou seja, dar de comer, de beber a quem precisa, acolher o peregrino, vestir o nu, visitar o enfermo e o que está na prisão (cf. Mt 25,31-46).

Segundo nosso teólogo, conversão significa “mudar o modo de pensar e agir no sentido de Deus, portanto revolucionar-se interiormente”¹⁶³ e faz ressaltar que se trata de uma conversão total e no sentido do amor. Trata-se de um movimento que atinge e mesmo começa, no interior da própria pessoa e revoluciona seu ser. Portanto, não se trata de um ato voluntarístico, nem superficial, mas é uma atitude que atinge a pessoa em suas relações, exige um comportamento, em vista do Reino. Gutiérrez explica, com mais detalhes, o que vem a ser a conversão provinda e orientada pelo Reino.

O Reino de Deus implica uma exigência de comportamento. O discípulo de Jesus que aceita o dom do Reino responde a ele com uma conduta determinada. É a dimensão ética do Reino. Convertam-se, esta exigência acompanha o dom do Reino e gera uma nova atitude para com Deus e o irmão. A conversão supõe uma ruptura, mas, significa, sobretudo, empreender o caminho novo, sempre novo: ‘Creiam na Boa Nova’¹⁶⁴.

¹⁶³ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 77.

¹⁶⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p.137.

A ética e a justiça caracterizam a prática que conduz à libertação querida por Deus. Explicitaremos, agora, como o Reino contemporaniza esta prática.

O Reino é categoria ética básica e apresenta-se como princípio de ação, enquanto abre uma perspectiva dinamizadora para o modo de agir segundo e seguindo, Jesus. A consciência crítica de Jesus frente à lei, nascida da experiência de ser o Filho amado, produz um comportamento sobranceiro frente a elas¹⁶⁵. Jesus ressalta de tal maneira o valor da vida humana, que qualquer ameaça à vida é motivo para relativizar a lei. Sendo um vínculo temporário, a lei é boa quando promove a vida enquanto bem que permanece. O drama é quando a lei quer perdurar, fazendo da vida algo transitório ou descartável¹⁶⁶. Isso porque, para ele, a vida humana está em primeiro lugar. Jesus é firme, mesmo com os costumes e a religião de seu povo, pois a pessoa é o mais importante. A ética do Reino¹⁶⁷ supõe ir além das boas ações, até mesmo daquelas que são fruto da gratuidade; requer contínua e criativa entrega a Deus, uma resposta positiva à vida e renovada a cada dia, que permanece, mesmo nas adversidades, conflitos e incompreensões. Num movimento único, a gratuidade do Reino e a exigência de Deus exigem constante transformação das estruturas afim de que elas promovam, realmente, a vida enquanto dom do Criador. Deus, em Jesus, chama, continuamente, o homem e a mulher a serem amigos da vida.

A estrutura básica do Reino da justiça é rompimento com toda forma de exclusão humana. Estrutura explicitada no Sermão da Montanha (Lc 6, 20-23). Ali, Jesus declara que o Reino de Deus é dos pobres, dos famintos e dos aflitos. Acontece onde os pobres, famintos e aflitos são acolhidos com a ternura de

¹⁶⁵ Para nosso autor, ética compreende o permanecer com Jesus e andar por onde ele andou, isto é, pela lei do amor e não pelo amor à lei. O amor é o que caracteriza a pregação ética de Jesus e a força motora do agir cristão. Cf. Op. Cit., p. 80-81.

¹⁶⁶ Nos escritos paulinos encontramos várias vezes o tema da lei e sua libertação. Nas cartas aos Romanos, explica o professor Isidoro Mazzarolo, Paulo deixa entrever que a lei é um vínculo temporário e vencer o pecado é travar uma luta permanente. Ela é boa enquanto proíbe um comportamento perverso, mas se torna arcaica quando não propõe uma conduta para Deus e convivência entre irmãos e irmãs. Toda a vida do ser humano pede discernimento frente à lei. Cf. MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Romanos, educar para a maturidade e o amor*. Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2006, pp.70-112.

¹⁶⁷ Os autores, Theissen e Merz, tomam como referencial a frase em Mc 1,14ss para trabalhar os motivos escatológicos na ética de Jesus. Os três verbos ditos por Jesus: convertei, acreditai e segui-me, caracterizam sua ética: da conversão, da misericórdia e do discipulado. Cf. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*, pp. 403-406.

Deus e onde há concreta solidariedade evangélica. Para Boff, o Sermão da Montanha é o lugar “onde toda fome e toda sede serão saciadas e transbordará o riso alegre do tempo da libertação”¹⁶⁸. A justiça que Jesus anuncia é igualdade fundamental, todos são dignos de amor. Deus é justo, por isto buscar seguir Jesus é buscar praticar a justiça. Justiça na historicidade da vida, justiça que se traduz em obras, fruto da oração e da graça de Deus.

Atitude, profundamente, revolucionária de Cristo na história. Sem desprezar a lei de seu povo, Jesus faz da vida a lei maior. Pela conversão, a pessoa recebe o perdão e o chamado para uma vida nova e novas relações. Assim, Jesus deixa evidente que o destino do homem e da mulher é a libertação, a criação, a vida. Libertação que não está reduzida à conversão pessoal, “a luta contra o mal e o pecado, deve ser pessoal e no coração, por um lado, mas, simultaneamente, social e estrutural, por outro lado. Toda ação unilateral será, inevitavelmente, ou enganosa ou ineficaz”¹⁶⁹. A libertação inclui uma prática, com a ética e a justiça, e está conectada com as estruturas que envolvem a pessoa.

3.2.2. Libertação como exigência da conversão estrutural

Homem e mulher nascem e vivem numa estrutura. E esta, molda e influencia seu pensar e agir. O mal que brota de dentro da pessoa, também irrompe das estruturas da vida e da convivência social, daí a exigência da conversão pessoal e estrutural. Além disso, o ser humano é convocado para um desfecho que ultrapassa sua estrutura, meramente, natural e finita; sua orientação é aberta para o infinito, Deus.

O povo da América Latina experimenta estruturas pesadas e opressoras. Um continente rico em terra, verde, ouro e criatividade, não condiz com a pobreza vigente massacrante. Então podemos dizer que, neste continente, a pobreza é construída. Ela é uma provocação a não-vida, porque valoriza a estrutura em detrimento da pessoa humana. Boff, sensível a esta realidade afirma que “o problema que mais aflige a sociedade sul-americana é a

¹⁶⁸ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 68.

¹⁶⁹ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*, p.186.

marginalização social de imensas porções da população. A questão não pode situar-se numa dimensão apenas de conversão pessoal”¹⁷⁰.

A encarnação de Jesus, cremos, está inserida na história, concretamente, humana. Ainda que impossível para a lógica humana, mas possível na fé, Jesus é homem e Deus. Ele realmente viveu inserido em estruturas, como seus contemporâneos, permeada de ambigüidades. No entanto, seu ensinamento não obedece as regras do jogo social da sociedade; para dar vida a alguém, ele não titubeia, relativiza a Lei. Relativizar a força da consciência crítica de Jesus é disseminar sua força profética e reduzi-lo num Jesus a - histórico. Aprendemos quem é Deus e sua vontade, somente no caminho de vida de Jesus em sua existência terrena. O Evangelho é concebido e formado na experiência humana, na vida social, nas realidades políticas, no contexto cultural. Experimentar Deus é, ao mesmo tempo, experimentar uma crescente libertação pessoal e estrutural.

A proclamação da utopia do ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,16-21) se torna história em libertações bem concretas para os que tem sua vida oprimida. O Reino como libertação, pertence ao eixo central da pregação de Jesus, e continuada por seus apóstolos.

O apelo do Reino requer um constante discernimento diante das estruturas que envolvem o ser humano, de modo a desmascarar e destruir todas àquelas geradoras de morte, ainda que seja de uma única pessoa, a fim de construir a nova história inaugurada pela prática libertadora de Jesus. A urgente necessidade da conversão estrutural, segundo Boff, é a libertação do legalismo, das normas sem fundamento, do autoritarismo que busca tirar a dignidade de homens e mulheres¹⁷¹.

Há que sublinhar que a exigência para a chegada do Reino são atitudes pretendidas para este mundo, para a história concretamente humana. “Reino de Deus não pode ser privatizado apenas para a dimensão espiritual, como perdão de pecados e reconciliação com Deus. Ele implica numa transformação das pessoas, do mundo das pessoas e do cosmos”¹⁷². Portanto, não cabe cruzar os braços e esperar que venha o Reino, pois, na pessoa de Jesus, o Reino chegou.

¹⁷⁰ BOFF, Leonardo. *Jesus libertador*, p. 59.

¹⁷¹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 85-89.

¹⁷² *Ibid.*, p. 38.

A ordem publicada por Jesus questiona a ordem já existente que divide as pessoas entre classes de ricos e pobres, homens e mulheres, fariseus e cobradores de impostos, filhos de Israel e estrangeiros; assim ela é ordem na desordem. Deus tem sua própria ordem, por isto dissemos, pela lógica racional e humana, que Deus escreve certo por linhas tortas. Lemos em Isaías: “os meus projetos não são os projetos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos-oráculo de Iahweh” (Is 55, 8). Jesus é desconfortante para quem está acostumado a estruturas bem delimitadas pela lei e quer manter seu *status quo*. Para a sociedade que prima pela máxima quantidade e pela qualidade de produção é revolucionário o Projeto de Jesus, que prima pelo um e por quem nada lhe pode dar em troca – uma viúva estrangeira (cf. Lc 4,26), um filho caçula (cf. Lc 15, 20), um leproso, após ter também curado outros nove (cf. Lc 17, 19), um paraplégico (cf. Lc 5,20), uma pecadora (cf. Lc 7, 47), uma semente (cf. Mc 4,31). E mais, a libertação está sempre conectada com a inserção da pessoa na sociedade, o que confirma que ela passa pela pessoa e suas estruturas. Jesus questiona as estruturas religiosas, ao mesmo tempo em que anuncia Deus. Ele sabe discernir entre a vontade de Deus e as vontades que as pessoas querem que sejam de Deus.

Jesus vive a eleição divina não como um privilégio que o separa dos outros povos, mas como um serviço que leva a inserir-se no meio deles (cf. Mt 20,28); acolhe as crianças em seus braços (cf. Mc 10,13-16); toma a livre iniciativa de pedir água a uma mulher (cf. Jo 4, 7). Sua tarefa consiste em buscar o que estava perdido e salvá-lo (cf. Lc 19,10). O que é de mais sagrado para Jesus é a vida do ser humano, pois nisto consiste o Reino de Deus. Nele, toda a vida humana é lugar de encontro com o Deus libertador,

Jesus não teme as conseqüências desta solidariedade: é difamado, injuriado, considerado amigo de homens de más companhias, acusado de subversivo, herege, possesso, louco, etc. Mas é através de tal amor e nestas mediações que se sente o que significa Reino de Deus e libertação dos esquemas opressores que discriminam¹⁷³.

Em nenhum momento Jesus recua em realizar seu projeto, e anuncia, segundo Boff, o prazo esgotou-se e a nova ordem a ser introduzida por Deus

¹⁷³ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, Paixão do mundo. Os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis, Vozes, 1978, p. 30.

está próxima¹⁷⁴. Em Cristo entrevemos que a libertação do ser humano é esperança de realização. Processo que vai crescendo no interior da vida humana atinge suas relações e estruturas, objetivando sua total integração.

3.2.3.

Reino de Deus como total integração humana

Falar de Reino de Deus como total integração humana é afirmar que este Reino, não só visa à pessoa e também suas estruturas, mas o anúncio de Jesus, lido por nosso autor, atinge todas as dimensões da pessoa, do mundo e do cosmos. Na ordem, “primeiro vem Cristo e seu mistério e por causa dele o homem, a vida e o cosmos”¹⁷⁵.

A experiência do Reino passa, necessariamente, pelas condições sociais, econômicas, culturais; condições estruturadoras da existência humana. A fé cristã se baseia na experiência de um Deus terno e compassivo, afirmador da vida e libertador da morte. Uma rápida leitura da realidade mundial, particularmente da realidade dos povos da América Latina, expõe, um quadro contrastante e assustador de miséria, exploração e alienação, por um lado, modernização, tecnologia de ponta e opulência, por outro.

Há uma revolução na vida da pessoa que encontra Jesus e também daqueles que estão próximos a ele. Encontro que transforma, radicalmente, as relações pessoais, recupera a vivência da dignidade e promove a vida. Após o encontro, ninguém se torna o mesmo, ainda que não aceite seu anúncio, pois Jesus atinge o cerne da vida pessoa. Os Evangelhos deixam transparecer uma irradiação de vida a partir daqueles que tem um encontro com Jesus. De modo que até os que estão próximos, os outros, são também tocados por suas palavras e gestos. A mulher encurvada há vários anos, ao ser vista por Jesus, se endireita, e com outros passa a glorificar a Deus (cf. Lc 13, 10-14); o cego e mudo colocado em seu caminho, ele o cura, e os outros se sentem provocados pela identidade de Jesus (cf. Mt 12,22); o rico Zaqueu busca Jesus, e ao encontrar decide partilhar e devolver os bens aos pobres, e há os que criticam

¹⁷⁴ Cf. Id. *Jesus Cristo libertador*, p. 89.

¹⁷⁵ Id., *O Evangelho do Cristo cósmico. A realidade de um mito. O mito de uma realidade*. Vozes, Petrópolis, 1971, p. 21.

onde Jesus se faz hóspede. Enfim, encontrar com Jesus é encontrar-se em todas as dimensões da vida humana.

A figura de Jesus é de um homem livre diante das críticas e atento aos costumes e as pessoas, principalmente com as pessoas feridas em sua dignidade. Ele desperta nas pessoas o que elas tem dentro de si mesmas, e assim faz emergir a vida, agora não mais oprimida pela lei. Ele olha a realidade e analisa os conflitos que geram o injustiçado não a partir de um ponto de vista parcial ou que falseia a realidade. Ele olha a pessoa a partir do seu ambiente e contexto, ouve seu clamor, liberta, e se compromete com o novo que inicia, com ele.

Sua presença irradiante e radicalmente amorosa, Cristo faz irromper o Reino de Deus neste mundo, porém, um mundo totalmente novo e renovado por Ele. Reino de Deus compreendido como “a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus”¹⁷⁶.

Jesus Cristo é o libertador da condição humana. Nele o amor humano é verdadeiramente livre; não é possessivo, nem se deixa possuir. Pela fé em Jesus, a pessoa experimenta que sua humanidade revela quem é o ser humano e quem é Deus. O que é acessível aos sentidos do ser humano – Jesus de Nazaré, a fé faz pisar o solo experiencial de Deus. A humanidade de Jesus é, inequivocamente, o lugar que encontramos Deus. Ele é a resposta dos anseios e esperanças da humanidade, o caminho e a meta do caminho: Deus assume o ser humano em Jesus, e em Jesus está o visível e o invisível, o humano e Deus.

Em Jesus, Deus liberta o ser humano integrando-o porque é o libertador. No mais profundo, a pessoa humana é liberdade, e para a liberdade Jesus conduz, apontando a direção da plenitude da vida, pois

com ele criou-se uma situação que os homens viram: aqui se dá a parusia (vinda) e a epifania (manifestação) do libertador da condição humana na globalidade de suas relações para com Deus, para com o outro e para com o cosmos¹⁷⁷.

Em suma, se pelo pecado o ser humano se afasta de Deus, e este respeita a liberdade humana, pela experiência do Deus de Jesus que decide definitivamente não abandonar seus filhos, o ser humano é chamado à

¹⁷⁶ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 69.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 252.

conversão, tanto pessoal como estrutural. A experiência do encontro com Jesus é experiência de total integração consigo mesmo, com o cosmos e com Deus, pois a pessoa conhece quem é Deus e quem é o ser humano em sua radicalidade. Ele revela ao ser humano o próprio do ser humano. Na frase cunhada por Leonardo Boff, em Jesus “se revelou o que há de mais divino no homem e o que há de mais humano em Deus”¹⁷⁸. A integração e plenitude da vida é encontrada em Jesus, ser humano original e radical.

Em Jesus, o ser humano experimenta a bondade infinita do Pai. Ele é a Boa Notícia que não é passageira, nem superficial. A Boa Notícia que supera as alegrias e permanece em meio aos conflitos. É que nele emerge a vida verdadeira e que nos irmana.

3.3. O Reino de Deus é Boa Notícia de vida

O anúncio de Jesus do Reino é Boa Notícia para todos aqueles que se dispõem a ouvir e a praticá-la, mas o que faz ser Boa Notícia não é o ouvinte. Ela é Boa Notícia porque, em Jesus, o Pai comunica sua própria vida e chama a todos à vida em plenitude. Podemos dizer que o Reino de Deus é Boa Notícia de vida, mas precisaremos aprofundar em que consiste esta vida.

Jesus vive com radicalidade a lei da vida pelo amor. Fruto da experiência do imenso amor do Pai, Jesus quer que também as pessoas aceitem este amor e vivam nele, pois o amor não suporta ficar escondido e nem sabe ficar escondido. Sua vida é um incessante convite a todos, homens e mulheres, sem exceção, a viverem a dinâmica da libertação, e assim viver no Reino. Deus e Reino não são duas instâncias separadas; não há como separar Deus do Reino ou Reino sem Deus, isto porque, “Deus é Abba chega seu reino, e o Deus de Jesus não é acessível à margem do reino”¹⁷⁹. E o fim do Reino é, senão, a vida, dom de Deus.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 93.

¹⁷⁹ GONZÁLES FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus*, p. 40.

Os Evangelhos ao comunicar a nova esperança na história de que Jesus venceu a morte, o pecado e toda alienação humana, afirma que Deus reina no mundo como aquele que dá a vida. A vida vence a morte¹⁸⁰.

A relação de Jesus com seu Deus causou profunda impressão no povo e nos seus discípulos, e os Evangelhos nos dão sinais evidentes¹⁸¹. Conversavam entre si e se questionavam quem era aquele homem que acalmava o mar bravio (cf. Mt 8,24-27) que acolhia crianças (cf. Mc 10, 13-16) e ensinava a chamar Deus de Pai (cf. Mt 6,9) que mesmo cansado, não despedia a multidão (cf. Mt 14,14), mas a todos manifestava-se tão próximo e acolhedor.

As primeiras testemunhas nos relatam que o homem, Jesus de Nazaré, vivia entre os chamados difamados e pecadores e, também, discutia com as autoridades do Templo, “e todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas” (Lc 2, 47). Nos vários ambientes que freqüentava sua atitude permanecia a mesma: abertura ao diálogo e convite para entrar no Reino de Deus.

A presença do Pai em Jesus produzia coragem e vida naqueles e naquelas que o acolhiam e passavam a crer em sua palavra, e inveja e ira aos que o recusavam. Enfim, desinstalava a todos e a todas, pois sempre convidava a não se acomodar com a situação já estruturada, mas a revolucionar esta situação em nome do Pai, por causa do Reino.

A ameaça à perda da dignidade humana é realidade freqüente na sociedade do tempo de Jesus e na contemporânea. A pregação de Jesus vai de

¹⁸⁰ Na Bíblia o termo vida expressa o dom de Deus, mas também escolha do ser humano, “Hoje ponho diante de ti a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolha, portanto, a vida!” (Dt 30,19). Jesus sempre fala positivamente da vida, insiste sobre o seu caráter sagrado, prega o desapego das riquezas e de si mesmo. A existência terrena é prenúncio da vida eterna, a vida eterna é a verdadeira vida. A sociedade hoje fala pouco de vida eterna e se preocupa mais com viver bem o presente, usufruindo-o ao máximo e sem equilíbrio. Nesta sociedade, por um lado, os avanços científicos e tecnológicos apontam para possibilidades de uma melhor qualidade de vida e mais longevidade. Por outro, aprofundam-se as expressões da morte, pois restringe o acesso destes avanços para alguns somente. Centrada na vontade individual, do *ter* sobre o *ser*, a cultura capitalista e calculista, difunde a idéia do ser humano livre e senhor de si. A perda da dimensão solidária no convívio social leva a uma acentuação sempre mais crescente da auto-realização e do prazer individual, que não é outra que a perda do sentido da vida. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 2008. Texto base/Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. CNBB. São Paulo, Salesiana, 2008, p. 14.

¹⁸¹ A relação de Jesus com o Pai, e o Espírito de forma alguma se fecha, ela abre ao ser humano a possibilidade de experimentar-se ser criado, de ser filho no Filho e viver o amor. O que distingue os dois Testamentos é que agora, a Palavra se fez carne, a Palavra eterna faz morada na história humana. Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo, Paulus, 2006, p. 161.

encontro àquelas existentes em sua época, isto é, com a chegada do Messias seria inaugurado o Reino de Deus. Este Messias inauguraria a época em que não haveria nem pobres, nem oprimidos. Os diferentes grupos que havia descreviam, minuciosamente, o funcionamento deste reino, pois no fundo, pensavam que o Reino chegaria segundo seus projetos. Diante da não realização, havia a frustração e uma permanente esperança de realização. A prática de seus projetos deixa bem entrever que seus interesses eram individualistas; ou eram colaboracionistas do sistema opressor ou espiritualistas, que embora odiassem o regime romano, não colocavam, em verdade, perigo a sua estabilidade. Ao povo pobre, que não pertencia a estes grupos, era-lhe imposto uma doutrina e uma cultura extrínseca à sua, querendo, assim, matar sua liberdade¹⁸².

Oxalá o tempo dos verbos para descrever a atitude das classes dirigentes fosse só passado. Ontem como hoje, ainda, permanece para poucos, o acesso aos bens e o respeito dos direitos humanos. Enquanto a pobreza, o desrespeito aos direitos humanos, a discriminação racial, a inacessibilidade à justiça, o machismo e as práticas inadequadas de segurança pública resultam em índices de violência, extremamente, elevados. É preciso acrescentar a falta de perspectiva de romper com o ciclo perverso da miséria e da desigualdade que escraviza a vida humana¹⁸³. Uma das graves conseqüências desta realidade é a percepção reducionista da pessoa como objeto, o que gera ideologias e idolatria para justificar esta situação. Tomar consciência da idolatria pode nos ajudar a compreender em quem se fundamenta a fé: no Deus que é amor e liberdade ou no Deus que promove a alienação e a escravidão¹⁸⁴.

A ideologia é uma das formas de institucionalizar a violência e conduz à negação da dignidade humana. Justificar a pobreza, a escravidão e a morte como vontade de Deus é um grave pecado, pois contraria a mensagem do Reino compreendida como a totalidade de sentido do mundo em Deus. Daí que, regionalizar o Reino-libertação em termos de uma ideologia do bem-estar para alguns poucos é caminho para a não-vida, ou seja, para a morte¹⁸⁵.

¹⁸² Cf. MATEOS, Juan ; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, pp. 43-45.

¹⁸³ Cf. UNESCO. *Transformação Social no Brasil*. Disponível em: < <http://www.unesco.org>>. Acesso em: 23 mai. 2010.

¹⁸⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 75-93.

¹⁸⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, Paixão do mundo*, pp. 26-28.

Idolatria é sinônimo de morte, é oposição ao Deus do Reino-libertação, pois faz a exigência de vítimas humanas. Talvez esta seja a maior idolatria, por matar cinicamente a vida humana. Gutiérrez enfatiza que “o deus da idolatria é um deus assassino. Muito é o sangue que se derrama no afã do lucro”¹⁸⁶.

Cada povo, a partir de seu contexto, experimenta situações específicas que produzem a vida ou a morte. Cada história carrega seu jeito de ser e de expressar a fé. De modo que, para compreender a mensagem de Jesus é preciso uma atitude de fé, de envolvimento com sua pessoa, e isto só pode ser feito a partir da história, concretamente, humana, “não podemos sair da vida, da nossa cultura e situação para atingir o Jesus puro assim como ele foi. Vamos a ele com tudo o que somos e temos”¹⁸⁷. A mensagem do Reino é dirigida a todos e a cada um dos povos, isto é devido o caráter universal e particular da Revelação de Deus que em Jesus toma contornos concretos em cada cultura. A universalidade da palavra-ação de Jesus, proveniente de sua relação com o Pai e o Reino, é proximidade libertadora para todas as pessoas, para o mundo e o cosmos, pois deriva da proximidade com que Jesus experimentou Deus como Pai. “A autocomunicação de Deus não pode se limitar à transcendência divinizada do ser humano. Ela deve ser dita na história e tornar-se acontecimento”¹⁸⁸. Ainda que pareça contraditório que um fato particular tenha alcance universal, é na história que o ser humano encontra Deus. A revelação que se dirige à pessoa tem de ser histórica, faz-se através de fatos e eventos, porque a pessoa é histórica¹⁸⁹.

Na história do povo da América Latina não é diferente, o Absoluto faz-se fato particular, vem à história deste povo de “cinco séculos de colonização, neocolonização e hoje globocolonização [...] de relações econômico-sociais, hoje globalizadas, que não controlamos e que nos dita o que devemos produzir, o que consumir e o que exportar”¹⁹⁰. Constatamos na história do povo simples deste continente que Deus é nomeado como extremamente humano, partícipe das lutas e vitórias, e solidário nos fracassos e nas injustiças. Excluídos da sociedade e oprimidos pelo sistema traduzem sua dignidade afirmando

¹⁸⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. O Deus da vida, p. 90.

¹⁸⁷ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 52.

¹⁸⁸ RAHNER, Karl. Sacramentum Mundi. Enciclopédia Teológica. Tomo V, p. 78

¹⁸⁹ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*, pp. 178-180.

¹⁹⁰ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 75.

freqüentemente: “eu sou filho de Deus”, e no Brasil se escuta: “Deus é brasileiro”. São formas diferentes de proclamar o original Jesus, de filiação divina e humana, máxima solidariedade e liberdade. É que no fundo experimentam que Deus é tão íntimo que emerge no coração da vida¹⁹¹.

A partir desta experiência que acontece na vida cotidiana, de homens e mulheres, iremos agora discorrer sobre o Projeto de Jesus, descrito por Lucas, que torna presente a misericórdia de Deus na história da humanidade e nos faz irmãos e irmãs de todos.

3.3.1.

O projeto de Jesus é Boa Notícia de vida

A sociedade do tempo de Jesus era permeada de múltiplas tensões e divisões: judeus e gentios, cidade e campo, ricos e pobres. E com um denominador comum: o sonho de uma vida onde reinasse a vida e a justiça. Este conhecimento da estrutura social e geográfica da vida de Jesus é de grande importância para a compreensão de sua pregação. “Nossa imagem de Jesus altera-se consideravelmente segundo o imaginamos num mundo relativamente estável e pacificado ou numa sociedade marcada por conflitos latentes e manifestos”¹⁹². Jesus não é alguém que brincou de ser humano, nem criou uma sociedade paralela.

Isto se dá também para a realidade da América Latina. Não podemos falar sobre a fé omitindo a história de pobreza e esperança em que vive a grande maioria da população. Aprendemos com o próprio Jesus que ele lia nos acontecimentos a vontade do Pai. E os acontecimentos o colocava ao lado dos mais pobres, marginalizados até a doação completa de sua vida. Jesus se insere na tradição do Antigo Testamento em que os pobres eram os destinatários privilegiados da palavra e do amor de Javé. Identifica-se com eles, “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40), fazendo deles sinais do Reino¹⁹³.

¹⁹¹ Cf. *Ibid.*, p. 92.

¹⁹² THEISSEN, Gerd / MERZ, Annete. *O Jesus histórico*, p. 190.

¹⁹³ Cf. LIBANIO, João B. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos vinte anos*. In: LIBANIO, João B. / ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 69.

Inserido nesta sociedade, Jesus lia nos acontecimentos a vontade do Pai e ali experimenta a vida que vem de Deus, ao libertar o povo da opressão. A profunda paixão de Jesus pelo Reino se tornou compaixão e paixão pelos marginalizados e excluídos (Lc 9,1-6). A raiz desta prática solidária e libertadora foi sempre a comunhão íntima e amorosa com o Deus da Vida, Pai e Mãe de amor.

Com sua pregação sobre o Pai e seu Projeto de vida Jesus entrou em conflito com os grupos dominantes. Pois, tanto a meta como seus amigos de caminhada são aqueles que estão na base, por baixo ou mesmo aqueles e aquelas que estão mergulhados numa sub-vida. Usando de liberdade ele

não só se voltou em nome de Deus às pessoas excluídas por causa de seu fracasso, mas também negou às pessoas comprovadas no cumprimento fiel da Torá o direito de pretender que o limite entre justos e pecadores por eles estabelecido fosse vontade de Deus¹⁹⁴.

O Reino aparece em Jesus pelo avesso, contrariando as expectativas nacionalistas e legalistas de Israel. Ele o introduz por caminhos não imaginados. É sensível e livre o bastante para romper com todo preconceito. Com Jesus, o Reino se aproxima dos pobres com sua utopia absoluta, “quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 11,15); “Mas vem a hora -e é agora- em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23). Jesus vem trazer esperança para os que dela estão privados, vida para quem a têm negada ou ameaçada. Daí, o escândalo da práxis de Jesus: as autoridades e os grupos partidários, fechados em seus projetos, não aceitam que o Reino se aproxime por romper com o aparente equilíbrio e cumprimento da lei. Jesus acolhe, ama, perdoa, liberta, impulsiona as pessoas à vida e vida solidária. Toda sua trajetória, ele vive fiel ao Projeto conforme lera na Sinagoga de Nazaré,

O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos (Is 61,1-2).

Coloca-se como o proclamador do ano da graça do Senhor. E conclui seu anúncio: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc

¹⁹⁴ KESSLER, Hans. *Cristologia*. SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*, v. I, p. 253.

4,21)¹⁹⁵. Assim, Jesus radicaliza o aspecto dinâmico do Reino, referindo-o tanto ao presente como ao futuro do povo. Sua primeira palavra pública é libertar a vida.

Os pobres entendem esta linguagem: “o mistério do Reino é revelado aos pequeninos” (cf. Mt 11,25), e o Reino anunciado por Jesus é deles: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. (Mt 5,3-10). Para João, os outros, porém, os de fora, eles ouvem, mas não entendem (cf. Jo 10,6). O que era Boa notícia para uns, não era para outros. Através da palavra-ação de Jesus, todo aquele e aquela que vivia marginalizado, tinha acesso a Deus. Jesus liberou a entrada. O Deus que Jesus anuncia é íntimo à pessoa, usa de misericórdia, vem em seu socorro, “esta diferença e novidade fundamental, deve-se ao fato de que Jesus experimenta e concebe Deus como puro amor”¹⁹⁶.

No projeto de Jesus, a realidade dos pobres transcende a dimensão sócio-econômica, compreende também os presos, os cegos e surdos, os famintos, os coxos, os leprosos, os oprimidos, os desolados, os perseguidos e marginalizados, enfim, a todos que tem a vida ameaçada (cf. Lc 4, 18-20). É significativo perceber nos versículos seguintes, a rejeição violenta dos habitantes de Nazaré a Jesus e seu programa de libertação. Jesus não se intimida, continuou seu caminho. Pois, seu projeto não está condicionado à aceitação de seus ouvintes. Isto significa que não há espaço ou tempo que possa reter sua presença, nem mesmo a morte; disto nos fala a Ressurreição; a qual explicitaremos no próximo capítulo.

Não se trata mais de libertações regionais, seja políticas, seja religiosas. A criação toda será libertada, em todas as suas dimensões, inclusive as

¹⁹⁵ Uma leitura comparada desta citação em Isaías e Lucas revelam que Jesus faz uma omissão significativa não lendo a frase seguinte: “o dia da vingança do nosso Deus.” Jesus revela desse modo um Deus que definitivamente não insiste na vingança, mas que é misericórdia. As consequências desta revelação são gigantescas. Inaugura-se uma nova relação entre o humano e o divino, agora não mais sob o prisma do medo, e sim da total graça. A fonte do projeto de liberdade de Jesus é sua experiência humana solidária com a humanidade, particularmente na pessoa dos excluídos de seu povo. Percebemos através dos Evangelhos que durante toda sua vida, não só na Sinagoga, encontramos Jesus realizando seu projeto.

¹⁹⁶ MATEOS, Juan / CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, pp. 79-80.

estruturas que não constituem esperança, mas condenação. A libertação chegará aos pobres¹⁹⁷. Jesus, ele é a realização absoluta da utopia

A chegada do ano da graça do Senhor, preferencialmente aos pobres, não se deve ao mérito deles, por constituírem um grupo melhor - o que seria uma leitura moralizante do modo de ser de Deus -, mas por estarem abaixo da história, isto é, por carecerem de vida. Essa é a lógica do Deus de Jesus. “Só um Deus que dá a vida além da morte é que pode fazer compreender que a pobreza última, raiz de todas as outras, é ameaça permanente à existência humana”¹⁹⁸. Nesta mesma linha, Boff assinala que no contexto da América Latina, onde a pobreza é gritante e escandalosa, urge uma releitura evangélica com sinal profético e contestador¹⁹⁹.

O projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus “esconde uma das grandes utopias do Antigo Testamento”²⁰⁰, um ideal social há muito esperado e jamais cumprido. A Boa notícia agora proclamada é que a esperança de vida nova, a possibilidade de mudança na sociedade, a utopia renovada, é realização, “a partir de Jesus, a oferta permanente de Deus”²⁰¹. Jesus irrompe em sua pessoa o Reino de Deus. Ele é a novidade permanente, isto é, Deus está em nosso meio e exige uma escuta bem atenta, é o que significa obediência ao Reino. Porque ao terminar de ler, na sinagoga de Nazaré, a descrição da realidade do Reino, proclamou: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,21).

Discurso na Sinagoga e que na vida de Jesus se torna realidade e atualidade no hoje temporal e histórico de todo homem e mulher, e no hoje kairológico de Deus. “O reino de Deus que Jesus anuncia não é algo ultramundano que se realizará na outra vida, porém algo que acontece agora,

¹⁹⁷ Na intuição de Leonardo Boff, os pobres compreendem todas as pessoas em que a estrutura vigente não constituía esperança, mas condenação. “Para Jesus, pobres não são apenas os economicamente pobres, mas todos os que sofrem alguma opressão, como as prostitutas e os doentes crônicos, os que não podem defender-se por si mesmos, os desesperançados, os que acham que não têm mais salvação. Todos esses devem sentir Deus como Pai bondoso e Mãe misericordiosa que perdoa a culpa e convida para a comunhão com Ele.” O pobre não tem uma imagem ideológica do pobre; a luta pela libertação está implicada na sua fala, enquanto que aquele que não é pobre discursa sobre o pobre. Cf. BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, pp. 119-120.

¹⁹⁸ FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 27.

¹⁹⁹ Cf. BOFF, Leonardo. Op.cit., p. 153.

²⁰⁰ Id. *Jesus Cristo libertador*, p. 66.

²⁰¹ MATEOS, Juan / CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 56.

que começou a tornar-se realidade em sua própria pessoa”²⁰². O Reino de Deus, presente e atuante na pessoa de Jesus Cristo, implicava cura, alegria, esperança, liberdade, perdão, boa nova para os pobres e excluídos da sociedade (Lc 4,16-21). O Reino é realidade na vida já aqui, cuja consumação está ainda para chegar. O projeto de Jesus revela uma nova visão das pessoas e das coisas, uma nova ordem, a ordem de Deus. Daí que, o projeto do Reino é Boa Notícia sempre atualizada, porque vem de Deus, e Deus é vida.

Jesus faz a experiência de agir em nome de Deus porque experimenta do Pai o amor que vence todas as forças opressoras da vida²⁰³. Assim não mais podemos conhecer Jesus Cristo sem o Reino, não mais podemos captar o Reino de Deus sem Jesus.

Podemos dizer, portanto que o projeto de Jesus é Boa Notícia de vida porque Jesus ao anunciar que o Reino de Deus é dos pobres não apenas suscita uma esperança, como se o Reino fosse uma realidade totalmente transcendente, que só se manifestará depois e para além da morte, mas age sobre a realidade circundante e atual, tentando transformá-la. Isso porque “o último para Jesus é a vontade realizadora do Pai”²⁰⁴. A partir de Jesus e de seu Projeto de vida, a história humana é um existencial e também desafio, ela é humana e divina. “A história da salvação não é vista só como história que Deus faz com o homem, mas como a história que Deus chama o homem a fazer”²⁰⁵. O Deus de Jesus é o Deus da misericórdia e de justiça, que se revela ao mesmo tempo como imanente e como transcendente à história humana.

3.3.2.

A Boa Notícia da misericórdia de Deus presente na história humana

O Deus-amor apresentado por Jesus toma partido e reage frente às situações que se opõem a vida. O que o Antigo Testamento atribui para “expressar a sensibilidade de Deus na terra, os evangelistas ressaltam que Jesus, presença de Deus na terra, reage como o próprio Deus faz”²⁰⁶: Ele chora

²⁰² SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 781.

²⁰³ Cf. BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, pp. 120-122.

²⁰⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus Libertador*, p.218.

²⁰⁵ PALACIO, Carlos. *Jesus Cristo, história e interpretação*, p. 115.

²⁰⁶ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 98.

a morte de um amigo, tem compaixão do povo que vive como ovelhas sem pastor, perdoa e acolhe o ladrão no seu Reino, conforta sua mãe já na cruz; enfim, comove-se diante de situações em que a vida está ferida.

Jesus desmascara o legalismo farisaico, desconstrói o Deus legalista, e revela um Deus que, por ser gratuito e querer a liberdade integral de seu povo, se relaciona com o ser humano a partir da lei do amor. Liberta, com isso, o povo da imagem opressiva e sufocante de Deus, a qual sustentava a opressão do próprio povo. À luz de Deus como Deus-Pai-Amor se entende o agir livre e universal de Jesus. Nele o amor é sem restrição: ama a todos.

Neste momento de desconstrução do legalismo, Boff se pergunta se o Deus de Jesus seria um laxista e um anárquico. As autoridades deturparam o sentido da lei, uma vez que seu verdadeiro sentido é sinônimo de amor. É a partir do amor de Deus que se entende a relação Deus-Lei. O Deus de Jesus não é o juiz cioso e vigilante da lei, mas o Pai de bondade irrestrita. O autor do quarto Evangelho sintetiza a experiência que Jesus fez de Deus: “Deus é amor” (1Jo 4,8). E, por ser amor, o acesso a Ele não se dá por cumprimentos de leis, cultos, sacrifícios, gestos purificadores, mas pelo amor aos semelhantes. Jesus experimenta ser tão amado pelo Pai, por isto ele ama como o Pai ama²⁰⁷.

Porque para Jesus o amor, e não a lei é o absoluto, podemos também afirmar que Deus ama não porque o homem e a mulher sejam bons, mas porque Deus mesmo é bom. O Pai a quem Jesus se dirige é Pai de todos, assim todos são irmãos, todos estão incluídos no Seu amor²⁰⁸. Jesus toma uma opção fundamental a partir da qual ele vê a totalidade: da margem, do lugar sem poder. O Reino inverte os valores do mundo, subverte seus caminhos. Essa opção indica uma prioridade, uma ótica, e não um exclusivismo, gerador de exclusão. Ele não coloca ninguém fora do alcance de sua mensagem. Dirige-se a todos com a mesma exigência: conversão pessoal e de suas estruturas.

Desse modo, a estrutura do Reino rompe com toda forma de exclusão humana: “se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus não entrareis na nova ordem trazida por Deus”²⁰⁹. Significa que a via segura de acesso a Deus é a que passa por sua Palavra, sua vontade, sua Lei. Passa pelo

²⁰⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, pp. 118-120.

²⁰⁸ Cf. Id.. *Jesus Cristo libertador*, pp.77-80.

²⁰⁹ Ibid., p. 85.

próximo, pela prática da justiça e do direito, pela misericórdia com os oprimidos, órfãos, viúvas, migrantes... Somente através destes a pessoa entra em comunhão com Deus. Do contrário, há sempre o perigo de enganar-se, de estar adorando um ídolo, e não o Deus verdadeiro. Como diz a Primeira carta de João, “Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1 Jo 4,20).

A misericórdia de Jesus é a misericórdia do próprio Deus-amor. “Um dos traços mais característicos da experiência do Deus de Jesus consiste no fato dele ser misericordioso. Ser misericordioso significa ter entranhas e um coração sensível como tem uma mãe”²¹⁰. A atitude de Jesus de entregar justos e pecadores ao Pai (cf. Jo 17) é fruto de sua experiência radical do Pai, que é misericórdia e amor, e quer vida plena para todos: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Jesus não tem outra vontade, outro amor, que o Pai e o Reino, “a vontade suprema de Deus como Abba é revelada por Jesus qual momento escatológico e irrevogável de perdão sem condições prévias para todo pecador”²¹¹; simplesmente porque Deus é misericórdia infinita. E misericórdia, para o povo de Israel, converge nas palavras: compaixão e fidelidade permanentes. “Do princípio ao fim, Deus manifesta a sua ternura por ocasião da miséria humana; por sua vez, o homem deve mostrar-se misericordioso para com seu próximo, à imitação de seu Criador”²¹².

Como o próprio Deus, Jesus se coloca ao lado dos marginalizados da sociedade, e convoca seus ouvintes a serem também misericordiosos. A misericórdia é um ato, profundamente, humano, porque divino. A pessoa que ouve Jesus, não se restringe a fazer na gratuidade, mas busca ter misericórdia como o Mestre!

²¹⁰ Id. *Experientar Deus*, p. 119.

²¹¹ SILANES, Nereo / PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 268.

²¹² LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia bíblica*. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 594.

3.3.3. A Boa Notícia do Reino nos faz irmãos e irmãs

O fundamento da Boa Notícia do Reino de Deus de fazer as pessoas irmãos e irmãs está na experiência do Pai, feita por Jesus, conforme descrevemos anteriormente. Suas palavras estão sempre vinculadas ao ser humano numa relação de fraternidade e amizade. Os evangelistas descrevem diversas relações de Jesus com as pessoas, é a elas que ele se dirige, e não a seres abstratos. “Deus para Jesus emerge exatamente dentro da vida e no relacionamento com os outros”²¹³. O Reino de Deus, obrigatoriamente, passa pelos irmãos e irmãs.

O amor cria igualdade, por isso a experiência de Deus comunicada na palavra-ação de Jesus, consiste em quebrar as divisões de classes, raças e sexo. O projeto de Jesus anunciado na sinagoga de Nazaré, o amor misericordioso do Deus Pai-Mãe comunicado a nós na experiência de Jesus, explicitado no início deste capítulo, provoca, de forma inequívoca, a saída de si para ir as outras pessoas, como Jesus.

Jesus não fala de Deus em si, como uma grandeza metafísica e fora do mundo, portanto transcendente. Refere-se a Ele sempre numa conexão com este mundo, portanto transparente, no interior de uma experiência concreta. A realidade de Deus-Pai-e-Mãe emerge quando o ser humano se torna capaz de descobrir no outro um filho e uma filha de Deus e um irmão e uma irmã sua²¹⁴.

O confronto com os evangelhos faz perceber que estar na companhia dos relegados ao último lugar da sociedade e da religião era um traço característico da ação de Jesus. Ao longo de seu ministério ele optou por estar mais próximo dos que tinham a vida ameaçada. Suas palavras são ditas no terreno concreto onde a realidade sangra e leva a uma decisão diante de Deus. “Reconcilia-te com o teu irmão” (Mt 5,24), porque a pessoa humana “é o lugar onde eu percebo a transcendência. E também a presença viva e concreta da transcendência”²¹⁵.

Em toda a vida de Jesus vemos a maneira de Deus agir. Amor que exige compromisso. “O Deus de Jesus não se cansa de amar livremente e de exigir

²¹³ BOFF, Leonardo. *Experimental Deus*, p. 123.

²¹⁴ *Ibid.*, pp. 122-123.

²¹⁵ Id. *Jesus Cristo libertador*, p. 236.

continuamente”²¹⁶. Amar a Deus supõe amar seu irmão, disto nos adverte João, “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20). Amar a Deus e ao irmão estão, intrinsecamente, unidos.

A experiência do amor sempre procura meios concretos para se expressar, daí que o amar o outro não é condição para ser amado, mas é consequência de ser amado. Deus para Jesus emerge nos relacionamentos com as pessoas, particularmente com aqueles que estão com sua vida ameaçada. Daí se torna patente: o serviço ao estrangeiro, ao faminto, ao sedento, ao nu, ao doente e ao que estiver na prisão (cf. Mt 25,31-46) tem sua raiz no próprio Deus. Todo voluntarismo, toda ação em prol de si mesmo, dizendo ser em nome de Deus ou fazer o bem para herdar o céu, não condiz com o Deus de Jesus Cristo, mas com um ‘Deus’ criado aos moldes humanos, uma idolatria, como aludimos anteriormente.

O amor de Deus, maior dom que o ser humano pode receber, é dom na liberdade. Assim, cada pessoa pode receber a Boa Notícia de Deus como entrega desinteressada ao outro/outra e na abertura a Deus ou, pode recusar tudo isto e, viver um projeto de morte pela prática da injustiça. A fé impulsiona, o homem e a mulher, a antecipar, de forma ativa e criativa, a reconciliação no hoje da sua vida.

Não há outro caminho para o Reino de Deus senão o caminho que passa pela pessoa humana e, dito de forma evangélica, não há outro caminho para Deus senão o caminho das bem-aventuranças. Acolher o anúncio de Jesus é traduzir em obras para com o próximo, especialmente o pobre e o excluído, como Jesus. Este é “declarado bem-aventurado, apto a entrar no Reino ‘preparado desde a criação do mundo’”²¹⁷.

É incontestável o fato que o ser humano está mergulhado numa imensa teia de relações, de tal forma que cada pessoa humana está inseparável da outra e que os novos paradigmas exigem uma concepção integral da realidade. O individualismo crescente na sociedade atual é des-humano. Boff alerta para o desprestígio da sociedade atual à palavra: nós. Segundo nosso teólogo, urge uma mudança do ‘eu’ para o ‘nós’, caso contrário, “dificilmente evitaremos

²¹⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 63.

²¹⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 175. Grifo do próprio autor.

uma tragédia, não só individual, mas coletiva. Independente de sermos socialistas ou não, o social e o planetário devem orientar o destino comum da humanidade”²¹⁸.

Num mundo em que o individualismo tem ganhado mais espaço, a Boa Notícia passa, obrigatoriamente, pelos pobres, através da misericórdia para com os desempregados, solitários, portadores de deficiência física ou mental, injustiçados, marginalizados, os sem voz e sem vez, os que não conhecem seus direitos, da defesa da vida digna para todos: seres humanos, o mundo e o cosmos. Pelo fato único de Deus ser amor e este amor provocar a ser Boa Notícia para todos e todas, sem restrições.

3.4. Conclusão do capítulo

Nossa construção ao final deste capítulo ergueu algumas paredes, segundo a compreensão que captamos da concepção de Reino de Deus para Leonardo Boff. Trabalho que exigiu retornar, exaustivamente, à sua obra, reler textos da Sagrada Escritura, devido à nova experiência que fazemos, e percorrer outros autores.

Nosso autor discorre sobre o Reino de Deus de maneira abrangente incluindo várias dimensões da vida humana, desde as individuais e pessoais, até as sociais, culturais, estruturais, políticas e econômicas. Isto é próprio do Reino, pois, na seqüência de seu pensamento, o Reino de Deus acontece neste mundo e quer transformar este velho mundo em um mundo novo.

A construção da teologia de Boff sobre o Reino de Deus afirma que a ordem pretendida por Jesus, a saber, a irrupção do Reino de Deus, tem abrangência não só na história pessoal e estrutural, mas em toda a existência do cosmos.²¹⁹ Neste horizonte, Clodovis Boff afirma que o confronto com a vida é exigência da própria fé cristã, com múltiplas dimensões, que inicia na vida interior e vai até a vida planetária.²²⁰ Por isso, onde há vida, ameaçada ou florescendo, há presença do Reino de Deus.

²¹⁸ BOFF, Leonardo. O individualismo tem ainda futuro? In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 out. 2009. Caderno A, Sociedade aberta, p. 10.

²¹⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 34-35.

²²⁰ BOFF, Clodovir. *Teoria do método teológico (versão didática). Série I: Experiência de Deus e Justiça*, n. 6. *Coleção Teologia e Libertação*. Vozes, São Paulo, 1998, p. 54-56.

Este capítulo foi dividido em três partes. Na primeira parte buscamos, pela categoria da experiência, o fundamento da experiência do Deus do Reino na história de Jesus. A experiência de Deus para Jesus chama-se Reino. Jesus Cristo é o lugar do encontro e da experiência de Deus. No prólogo de João encontramos, repetidas vezes, que a Palavra se fez carne. Jesus veio à história estabelecendo morada entre nós. Definitivamente podemos dizer: Ele é um dos nossos, é o Deus conosco. No dizer de Gutiérrez, “veio até a sua própria terra”²²¹. Isto demonstra que Jesus não é estranho à história humana, nem fez de sua realidade um palco para apresentar um texto imaginário. Ele experimenta, verdadeiramente, a realidade humana, menos o afastamento de Deus que é o pecado. Pelo estudo sobre a experiência concluímos que não seria exagero afirmar que não temos outra via para falar de Deus, a não ser pela experiência. Em continuidade, não temos outra via para falar do acesso a Deus a não ser pela Encarnação do Filho.

Na segunda parte buscamos, pela categoria libertação, expor as exigências para a chegada do Reino. Em sua capacidade inaudita de amar e de perdoar, de servir e de colocar-se no lugar do outro, em sua força de lutar contra todas as forças opressoras, em sua original criatividade e liberdade para ultrapassar o legalismo que mata o espírito, Jesus torna real a Boa Notícia de um Deus que quer a vida plena para todos, homens e mulheres.

Na terceira parte buscamos, pela categoria vida, informar da Boa Notícia que vem do Reino. Encontramos Jesus apresentando e realizando seu Projeto, de forma livre e misericordiosa. Desse modo, podemos afirmar, que o Reino é Boa Notícia porque aponta para a vida, e vida em plenitude, então, o Reino de Deus é Boa Notícia de vida.

O contexto da situação de miséria e injustiça, de falta de esperança e de partilha, torna-se pretexto e texto para a maior revelação do mundo e do cosmos. Deus se faz profundamente solidário, se faz humano no homem Jesus. Ele revela quem é Deus e quem é o ser humano. O que motiva esta experiência e esperança, nosso autor afirma, “poder-se-ia dizer que Reino de Deus significa uma revolução total, global e estrutural da velha ordem, levada a efeito por Deus e somente por Deus”²²². A consistência da liberdade de Jesus se

²²¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, pp. 112-115.

²²² *Ibid.*, p. 76.

fundamenta na experiência da bondade de Deus que o liberta e o faz livre. O Pai, para Jesus, é a bondade desmedida, que dá sentido à existência. Sua intimidade com Deus, a ponto de chamá-lo de Abba, e assim sentir-se Filho, eleva a condição do ser humano, pois valoriza a história humana e presentifica à consciência que “Deus é Pai e que todos no universo somos seus filhos e filhas”²²³.

Por fim, a partir da nossa explanação, concentrando na cristologia de Leonardo Boff, tendo como base sua obra, *Jesus Cristo libertador*, podemos concluir que o autor apresenta sua cristologia na história de homens e mulheres. Isto se depreende da sua constante afirmação da qual o Reino de Deus não é outro mundo, mas este mundo renovado por Deus. Na história, humana e frágil, encontramos o que emergiu em Jesus: o Deus da vida. Cada capítulo, e mesmo, cada parágrafo, estabelece links, abre horizontes, conduzem a outras áreas humanas. A compreensão de Reino de Deus possibilita abrir caminhos para a experiência do agir libertador de Jesus para as pessoas e o mundo, discernir onde o Reino acontece, e agir em conformidade à experiência do Deus do Reino, particularmente na vida dos que não tem voz, nem vez, até que Cristo seja tudo em todos (1Cor 15,28), isto é, até que a nova ordem seja inaugurada.

²²³ Id. *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Ática, São Paulo, 1995, p. 271.